

NOS CUMES DO DESESPERO

EMIL CIORAN

TRADUÇÃO DO ROMENO_FERNANDO KLABIN

hedra

Copyright © Editions de L'Herne, 1990
Published by arrangement with
Agence litteraire Pierre Astier & Associés
Copyright desta edição © Hedra 2012
Copyright da tradução © Fernando Klabin
*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.*

Título original
Pe Culmile Disperarii (1934)

Apoio
Esta publicação contou com o apoio financeiro
do Instituto Cultural Romeno (ICR) Bucareste

Corpo Editorial
Adriano Scatolin, Alexandre B. de Souza, Bruno Costa,
Caio Gagliardi, Fábio Mantegari, Iuri Pereira, Jorge Sallum,
Oliver Tolle, Ricardo Musse, Ricardo Valle

Edição Bruno Costa
Coedição Iuri Pereira e Jorge Sallum
Capa Ronaldo Alves/Billy Simon (Dachau)
Agradecimentos a Flamarion C. Ramos e José Thomaz Brum
Programação e diagramação em L^AT_EX Bruno Oliveira
Assistência editorial Bruno Oliveira e Pedro A. Pinto
Revisão Ana Lima Cecílio e Bruno Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C522 Cioran, Emil (1911-1995).
Nos cumes do desespero. / Emil Cioran. Tradução do
romeno por Fernando Klabin. Apresentação de José
Thomaz Brum. — São Paulo: Hedra, 2011. 154 p.

ISBN 978-85-7715-275-9

1. Literatura Romena. 2. Filosofia. I. Título. II. Klabin, Fernando,
Tradutor. III. Brum, José Thomaz.

CDU 821.13

CDD 850

Elaborado por Wanda Lucia Schmidt CRB-8-1922

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA HEDRA LTDA.

Rua Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)

05416-011 São Paulo SP Brasil

+55 11 3097 8304

editora@hedra.com.br

www.hedra.com.br

Fugindo da cruz	113
O culto do Infinito	116
Banalidade e transfiguração	119
[O peso da tristeza]	121
[A degradação produzida pelo trabalho]	123
[O sentido último]	127
O princípio satânico no sofrimento	130
[O animal indireto]	135
[A verdade impossível]	135
[Subjetivismo]	135
[Homo...]	136
[Resumo do amor]	136
[O que importa]	137
[As fontes do mal]	137
[Prestidigitação da beleza]	139
[Inconsistência humana]	140
[Capitulação]	146
[Diante do silêncio]	149
[A arte do desdobramento]	150
[O <i>nonsense</i> do devir]	152

por sua vez, fala de “uma espécie de Lautréamont visitado pelos niilistas russos”.⁴ Mas o que precisa ser ressaltado é o seu aspecto de grito bruto, grito de dor e angústia daquele que desperta para o absurdo de estar vivo.

Publicado em 1934 pela Editora da Fundação Real Carol II para a literatura e as artes, juntamente com *Nu (Não)*, de Eugène Ionesco, e a primeira obra de Constantin Noica, (*Mathesis*), *Nos cumes do desespero* ganhou o Primeiro Prêmio da Academia Real para jovens autores. Cioran acabara de se formar em Filosofia, estava inebriado pelo “jargão filosófico”, mas perambulava pelas ruas como um fantasma, açoitado por uma insônia que lhe mostrara “a inanidade da filosofia”.⁵ A insônia, “lucidez vertiginosa”,⁶ é a grande madrinha desse livro exaltado em que um “pensador orgânico” expressa suas “contradições absolutas”.

Pode-se ainda observar que, nessa obra de juventude, Cioran parece mais próximo de Nietzsche que de Schopenhauer. E que ele “ainda ignora a desenvoltura e os encantos da ironia”.⁷ Mas deve-se reconhecer que ele já possui o sentido da fórmula paradoxal e o tom cioraniano, essa mistura inextricável de reflexão e de poesia.

O título do livro reproduz “uma expressão jornalística usual na rubrica ocorrências diversas. Se alguém cometeu suicídio significa que estava ‘nos cumes do desespero’”.⁸ Livro de um jovem autor “promissor”, como se dizia na Romênia em 1934, *Nos cumes do desespero* é o momento inaugural da obra de Cioran. O

biu/ Leuven, Éditions de L'Université “Lucian Blaga”/Les Sept Dormants, 2000, p. 116.

⁴ Patrice Bollon, *Cioran, l'hérétique*, Paris, Gallimard, 1997, p. 92.

⁵ Emil Cioran, prefácio a *Sur les cimes du désespoir*, tradução de André Vornic, Revista por Christiane Frémont, Paris, L'Herne, 1990, p. 10.

⁶ Idem.

⁷ Sylvie Jaudeau op. cit. p. 87.

⁸ Emil Cioran in *E.M. Cioran. Ein Gespräch geführt von Gerd Bergfleth*, Tübingen, Tübingen rive gauche, 1985, p. 20-23.

em nós é único e específico acaba se realizando numa forma tão expressiva, que o individual se alça ao plano do universal. As mais profundas experiências subjetivas são também as mais universais, pois por meio delas chega-se à profundidade primordial da vida. A verdadeira interiorização conduz a uma universalidade inacessível aos que permanecem na zona periférica. A interpretação vulgar da universalidade vê nela mais uma forma de complexidade em extensão do que uma abrangência qualitativa, rica. Por isso, ela vê o lirismo como um fenômeno periférico e inferior, produto de uma inconsistência espiritual, ao invés de perceber que os recursos líricos da subjetividade apontam para um frescor e uma profundidade íntima dos mais notáveis.

✧ Há pessoas que se tornam líricas só nos momentos capitais da vida; outras, só na agonia, quando todo o seu passado se atualiza e se precipita sobre elas como uma torrente. A maioria, contudo, se torna lírica em consequência de experiências essenciais, em que a inquietação da profundidade íntima de seu ser atinge o paroxismo. Dessa maneira, uma vez prisioneiras do amor, pessoas inclinadas para a objetividade e a impersonalidade, estrangeiras de si próprias e de realidades profundas, experimentam um sentimento que atualiza todos os recursos pessoais. O fato de que quase todos nós passamos a escrever poesia quando amamos é a prova de que os meios do pensamento conceitual são parques demais para expressar uma infinidade interna, e de que só na presença de um material fluido e irracional é que o lirismo interior encontra um modo adequado de objetivação. Analogia não poderia ser feita com a experiência do sofrimento? Ignorando o que se esconde em nós e no mundo, vivendo satisfeita e periféricamente, a mais séria experiência depois da experiência da morte (como pressentimento da morte), a experiência do sofrimento, de súbito nos domina e nos transporta para uma região de existência infinitamente complexa, em que nossa subjetividade nos convulsiona como num turbilhão. O lirismo do sofrimento realiza aquela queima e aquela purificação interior

que constitui o ruído e as complicações deste mundo? Desistiríamos então da cultura e das ambições, perderíamos tudo sem nada ganhar em troca. Mas ganhar o que neste mundo? Há gente que não dá importância alguma a qualquer tipo de ganho, irremediavelmente infeliz e sozinha que é. Somos todos tão fechados uns aos outros! E se fôssemos abertos de tal modo a recebermos tudo uns dos outros ou a decifrarmos uns as almas dos outros nos mais profundos detalhes — quanto seríamos capazes de iluminar o seu destino? Sozinhos na vida, perguntamo-nos se a solidão da agonia não seria o próprio símbolo da existência humana. É um sinal de grande fraqueza querer viver e morrer em sociedade. Ainda pode haver consolo nos momentos derradeiros? É mil vezes mais preferível morrer em algum lugar sozinho e abandonado, sem pose e fingimento. Enauseiam-me as pessoas que se controlam durante a agonia, forçando uma determinada atitude só para impressionar. É na solidão que as lágrimas são ardentes. Todos aqueles que se fazem rodear por amigos na hora da morte têm de fato medo e incapacidade de suportar os instantes finais. Tentam esquecer-se de si próprios no momento capital da morte. Por que não se imbuem de um infinito heroísmo, por que não trancam a porta para suportar aquelas sensações insanas com uma lucidez e um temor ilimitados?

✕ Somos tão isolados de tudo! Mas não é inacessível tudo o que há? A morte mais profunda e mais orgânica é a morte por solidão, quando a própria luz se torna um princípio de morte. Em tais momentos, separamo-nos da vida, do amor, dos sorrisos, dos amigos e até mesmo da morte. E nos perguntamos, paradoxalmente, se existe mais alguma coisa além do Nada do mundo — e do nosso próprio Nada.

NÃO PODER MAIS VIVER

Há experiências às quais não podemos sobreviver. Experiências depois das quais sentimos que nada mais pode ter

mente doloroso. A sensação de não podermos mais viver depois de tais turbilhões deve-se também ao fato de uma consumação num plano puramente interior. As labaredas da vida ardem num forno fechado, de onde não escapa calor. As pessoas que vivem num plano exterior estão salvas desde o início; mas teriam o que salvar, elas que desconhecem qualquer perigo? O paroxismo da interioridade e da vivência nos leva a uma região onde o perigo é extremo, pois a existência, ao atualizar suas próprias raízes na vivência com uma consciência tensionada, só pode negar a si própria. A vida é demasiado limitada e demasiado fragmentada para resistir a grandes tensões. Não tiveram todos os místicos, depois de seus grandes êxtases, a sensação de não poderem mais continuar a viver? E o que mais podem esperar deste mundo aqueles cuja sensibilidade ultrapassa a normalidade, a vida, a solidão, o desespero e a morte?

A PAIXÃO DO ABSURDO

Não existem argumentos para viver. Quem chegou ao limite ainda pode recorrer a argumentos com causas, efeitos, considerações morais etc.? É claro que não. Restam-lhe apenas motivos infundados para viver. Nos cumes do desespero, só a paixão do absurdo ainda pode lançar uma luz demoníaca sobre o caos. Quando todos os ideais correntes, moral, estético, religioso, social etc... não podem mais imprimir direção e finalidade à vida, como é possível mantê-la a fim de não se transformar em vácuo? Somente por meio de uma aliança absurda, de um amor pelo inútil absoluto, quer dizer, por algo que não possa atingir uma determinada consistência mas que, através da ficção, possa estimular uma ilusão de vida.

Vivo porque as montanhas não sabem rir e os vermes não sabem cantar. A paixão do absurdo só germina num homem em quem tudo foi aniquilado, mas que é ainda capaz de sofrer assustadoras transfigurações futuras. Só a paixão do absurdo

com seu próprio sofrimento, que lhe parece extremo e ilimitado. E, se pensássemos o quanto o mundo já sofreu até agora, se pensássemos nas mais terríveis agonias e nos mais complexos suplícios, nas mortes mais cruéis e no mais doloroso abandono, em todos os empestados, em todos os queimados vivos ou nos que definharam de fome — quanto isso diminuiria o nosso sofrimento? Ninguém pode ser consolado, no momento da morte, pela ideia de sermos todos mortais, assim como, num momento de sofrimento, ninguém encontra consolo no sofrimento passado ou presente dos outros. Neste mundo organicamente insuficiente e fragmentário, o indivíduo tende a viver de maneira integral, a elevar sua existência à categoria de absoluto. Toda existência subjetiva é um absoluto em si. Por isso, cada um vive como se fosse o centro do universo ou o centro da História — nessas condições, como é que o sofrimento não seria um absoluto? Não posso compreender o sofrimento alheio para diminuir, por meio dele, o meu próprio. Em tais casos, comparações não têm nenhum sentido, pois o sofrimento é um estado de solidão interior, que nada que venha de fora pode aliviar. É uma grande vantagem poder sofrer sozinho. O que aconteceria se o rosto humano pudesse expressar com fidelidade todo o suplício interior, se na expressão se objetivasse todo o suplício interior? Ainda seríamos capazes de conversar? Não seríamos obrigados a falar cobrindo o rosto com as mãos? A vida seria realmente impossível caso toda a infinidade dos nossos sentimentos se manifestasse em nossos traços.

Ninguém mais se atreveria a se olhar no espelho, pois uma imagem grotesca e ao mesmo tempo trágica misturaria os contornos da fisionomia a manchas de sangue, feridas que não cicatrizam e rios de lágrimas irreprimíveis. Experimentaria uma volúpia plena de terror observando, na harmonia cômoda e superficial do cotidiano, a explosão de um vulcão de sangue, com jorros vermelhos como fogo e ardentes como o desespero; observando como todas as chagas do nosso ser se abririam irreme-

diavelmente para fazer de nós mesmos uma erupção sangrenta. Só então entenderíamos e apreciaríamos as vantagens da solidão, que torna o nosso sofrimento tão silencioso e inacessível. Numa erupção sangrenta, num vulcão do nosso ser, todo o veneno sugado às coisas não seria suficiente para intoxicar o mundo inteiro? Há tanto, tanto veneno no sofrimento!

[A ERUPÇÃO DO ESPÍRITO]

[A verdadeira solidão é aquela que nos isola completamente entre o céu e a terra.] Embora nada deva desviar a atenção dos fenômenos do isolamento radical, a intuição de uma terrível lucidez deve revelar todo o drama da finitude humana diante do Infinito e do Nada deste mundo. Passeios solitários — extremamente fecundos e ao mesmo tempo perigosos para a vida interior — devem ser realizados sem que nada do que possa perturbar a visão de isolamento do homem no mundo figure entre as preocupações do indivíduo. A fim de intensificar o processo de interiorização e de conversão na direção de nosso próprio ser, passeios solitários são fecundos só ao anoitecer, quando nenhuma das costumeiras seduções pode atrair nosso interesse, quando as revelações sobre o mundo emergem da mais profunda zona do espírito, de lá de onde se desprende a vida — da ferida da vida. Quanta solidão é necessária para termos espírito! Quanta morte em vida e quantos incêndios íntimos! A solidão nega tanto da vida, que o florescimento do espírito causado por deslocamentos vitais torna-se quase insuportável. Não é sintomático o fato de que se insurgem contra o espírito justamente aqueles que têm espírito demais, aqueles que conhecem a gravidade da doença que, afetando a vida, resulta no nascimento do espírito? A apologia do espírito é feita por homens gordos e saudáveis, que nem desconfiam o que significa espírito, que nunca sentiram as torturas da vida nem as dolorosas antinomias básicas da existência.

Os que realmente sentem ou o toleram com orgulho, ou o apresentam como uma calamidade. Ninguém, porém, está contente, no fundo do seu ser, com essa aquisição catastrófica para a vida que é o espírito. E como estar contente com essa vida desprovida de graça, ingenuidade e espontaneidade? A presença de espírito sempre indica um déficit de vida, muita solidão e sofrimento prolongado. Quem é que fala de salvação pelo espírito? Não é em absoluto verdadeiro que a vivência no plano imanente da vida seja uma vivência ansiosa, da qual o homem tenha se livrado pelo espírito. Pelo contrário, é muito mais verdadeiro dizer que, pelo espírito, obtém-se certo desequilíbrio, certa ansiedade, mas também certa grandeza. Como é que pode conhecer os perigos do espírito quem nem mesmo conhece os perigos da vida? É um sinal de grande inconsciência fazer a apologia do espírito, assim como é um sinal de grande desequilíbrio fazer a apologia da vida. Pois, para o homem normal, a vida é uma evidência; só o doente se encanta e a glorifica, para evitar a queda. Mas o que acontece com quem não pode glorificar a vida, nem o espírito?

EU E O MUNDO

O fato de que existo prova que o mundo não tem sentido. Pois de que modo posso encontrar sentido nos tormentos de uma pessoa infinitamente dramática e infeliz, para quem tudo se reduz, em última instância, ao Nada e para quem a lei deste mundo é o sofrimento? Se o mundo permitiu existir um exemplar humano como eu, isso só prova que as manchas do assim chamado sol da vida são tão grandes que, com o tempo, vão-lhe esconder a luz. A bestialidade da vida me esmagou e me oprimiu, cortou-me as asas em pleno voo e roubou-me todas as alegrias a que tinha direito. Todo o meu zelo exagerado e toda a paixão doida e paradoxal que investi para me tornar um indivíduo brilhante, toda a magia demoníaca que consumi para portar uma futura auréola e todo o elã que desperdicei para um renascimento orgânico ou uma

aurora íntima provaram ser mais fracos do que a bestialidade e a irracionalidade deste mundo, que despejou dentro de mim todas as suas reservas de negatividade e veneno. A vida não resiste a altas temperaturas. Por isso, cheguei à conclusão de que as pessoas mais atormentadas, aquelas cujo dinamismo íntimo alcança o paroxismo e que não podem aceitar a temperatura normal, estão condenadas à queda. É um aspecto do demonismo da vida, nesta ruína dos que vivem em regiões incomuns, mas também um aspecto de sua insuficiência, que explica o porquê de a vida ser um privilégio dos medíocres. Só os medíocres vivem na temperatura normal da vida; os outros se consomem em temperaturas em que a vida não resiste, em que só posso respirar estando com um pé do outro lado da vida. Não posso trazer nada para este mundo, pois disponho de um só método: o método da agonia. Vocês se queixam de que os homens são maus, vingativos, ingratos e hipócritas? Proponho-lhes portanto o método da agonia, que lhes permitirá escapar temporariamente de todas essas falhas. Apliquem-no a cada geração, e os efeitos se tornarão visíveis de imediato. Talvez, assim, poderei eu também ser útil à humanidade!

Pelo chicote, pelo fogo ou pela injeção, inflijam a agonia a cada homem, a experiência dos momentos derradeiros, para que, num terrível suplício, ele vivencie a grande purificação da visão da morte. Em seguida soltem-no e deixem-no fugir de pavor até cair no chão, exausto. Garanto que o efeito será incomparavelmente mais válido que quaisquer outros obtidos por vias normais. Se pudesse, eu infligiria a agonia ao mundo inteiro, a fim de produzir uma purificação da vida desde as suas raízes; atearia chamas ardentes e insinuantes a essas raízes — não para as destruir, mas para dar-lhes outra seiva e outro calor. O fogo que eu atearia a este mundo não provocaria ruínas, mas uma transfiguração cósmica, essencial. Assim, a vida se acostumaria às altas temperaturas e deixaria de ser um ambiente de mediocri-

dade. Nesse sonho, talvez nem a morte continuasse imanente à vida.

(Escrito hoje, 8 de abril de 1933, dia em que completo 22 anos. Sou invadido por uma estranha sensação ao imaginar que me tornei, nessa idade, especialista na questão da morte.)

ESGOTAMENTO E AGONIA

Conhecem essa terrível sensação de fusão, de perda de todo o vigor e de fluir como um riacho, de sentir a anulação da própria presença numa aniquilação orgânica? É como se desaparecesse de dentro de nós, numa fluidez exaustiva, tudo o que é consistente e substantivo, após o que só nos resta a cabeça. Não estou falando de uma sensação vaga e indeterminada, mas de uma sensação precisa e dolorosa. Sentir que nada mais resta além da cabeça; uma cabeça sem substrato e sem fundamento, separada do corpo e isolada como numa alucinação. Não se trata daquele esgotamento vago e voluptuoso que experimentamos em momentos de contemplação a beira-mar ou de devaneios melancólicos, mas de um esgotamento que consome e destrói. Então, nenhum esforço, nenhuma esperança e nenhuma ilusão valem mais a pena. Permaneceremos perplexos diante de nossa própria catástrofe, incapazes de agir ou de pensar, envoltos por uma escuridão fria e opressora, intimidados como nas alucinações noturnas ou solitários como nos acessos de remorso, significa atingirmos o limite negativo da vida, a temperatura extrema, que congela a última ilusão de vida. Nessa sensação de esgotamento se revela o verdadeiro sentido da agonia — que, longe de ser uma luta baseada na fantasia ou em paixões gratuitas, é a vida se debatendo nas garras da morte, com poucas chances para a vida. Não se pode separar o pensamento da agonia do pensamento do esgotamento e da morte. Agonia como luta? Mas luta contra quem e por quê? Seria absolutamente falso interpretar a agonia como elã exaltado por sua própria inutilidade ou como inquietação com finalidade

em si própria. No fundo, agonizar significa sentir o tormento entre vida e morte. Por ser a morte imanente à vida, quase toda a vida é uma agonia. Mas só chamo de agônicos os momentos dramáticos dessa luta entre vida e morte, quando o fenômeno da presença da morte é vivenciado consciente e dolorosamente. Verdadeira agonia é aquela que nos faz chegar ao Nada através da morte, quando a sensação de esgotamento nos consome irremediavelmente, quando a morte vence. Numa autêntica agonia existe um triunfo da morte, mesmo se continuarmos vivendo depois daqueles momentos de esgotamento.

Nesse tormento, onde é que fica a luta baseada na fantasia? Não teria toda agonia um caráter definitivo? Não se pareceria ela com uma doença da qual não conseguimos mais escapar, que nos tortura com intermitência? Momentos agônicos indicam um avanço da morte em vida, um drama consciente, provocado pelo rompimento do equilíbrio entre vida e morte. Eles só são possíveis naquelas sensações de esgotamento que baixam a vida até seu nível inferior absoluto. A frequência dos momentos agônicos é um indício de decomposição e queda. A morte é nauseante, é a única obsessão que não pode se tornar voluptuosa. Mesmo quando queremos morrer, queremos morrer com um remorso implícito no nosso desejo. *Quero morrer, mas lamento querer morrer.* Essa é a sensação de todos os que se abandonam ao Nada. *A mais perversa sensação é a sensação da morte.* E pensar que há gente que não consegue dormir por causa da perversa obsessão da morte! Como gostaria de nada mais saber de mim e deste mundo!

O GROTESCO E O DESESPERO

Dentre as múltiplas formas do grotesco, a que me parece mais estranha e complicada é aquela que tem raízes no desespero. As outras visam a um paroxismo de natureza periférica. O grotesco,

porém, e isso é importante, não pode ser concebido sem paroxismo. E que outro paroxismo é mais profundo e mais orgânico que o do desespero? O grotesco surge apenas no paroxismo dos estados negativos, quando grandes tormentos brotam a partir de um déficit de vida; trata-se de uma exaltação em negatividade.

E não haveria um impulso doido na direção da negatividade naquela deformação bestial, torturante e paradoxal, quando as linhas e o contorno da face se deformam com uma estranha expressividade, quando a direção do olhar é atraída por luzes e sombras distantes, enquanto o pensamento acompanha os meandros dessa crispação? Intenso e irremediável, o verdadeiro desespero só pode se objetivar na expressão do grotesco. Pois o grotesco representa a negação absoluta da serenidade, esse estado de pureza, transparência e lucidez tão contrário ao desespero, este que só gera, em primeiro lugar, caos e Nada.

Já experimentaram alguma vez a satisfação bestial e surpreendente de se olharem no espelho após inúmeras noites de vigília; já sentiram a tortura das insônias, numerando a cada momento noites inteiras, quando nos sentimos sozinhos no mundo, quando o nosso drama é o mais essencial da História e essa História não tem mais significado algum, nem existe mais, quando em nós crescem as mais terríveis flamas e nossa existência parece única e solitária num mundo surgido apenas para consumir nossa agonia; já sentiram esses inúmeros momentos, infinitos como o sofrimento, para que, ao se olharem no espelho, obtenham a imagem do grotesco? É uma crispação geral, uma deformação, uma tensão de momentos derradeiros, aos quais se associa um palor da mais demoníaca sedução, um palor de gente que passou pelos mais terríveis abismos da escuridão. E não seria esse grotesco, brotado como expressão do desespero, semelhante a um abismo? Não teria ele algo do remoinho abissal das grandes profundezas, daquela sedução do Infinito que se desabre diante de nós para nos engolir e à qual nos submetemos como a uma fatalidade? Que bom seria podermos morrer lançando-nos num Vazio infi-

nito! A complexidade do grotesco nascido do desespero reside na sua capacidade de indicar um Infinito íntimo e um paroxismo da mais extrema tensão. Como poderia ainda esse paroxismo se objetivar em agradáveis ondulações de linhas ou em pureza de contornos? O grotesco nega essencialmente o clássico, assim como nega toda ideia de estilo, de harmonia ou de perfeição.

Que ele esconde na maior parte das vezes tragédias íntimas que não se exprimem diretamente, isso é evidente para quem compreende as múltiplas formas do drama interior. Quem já viu o aspecto grotesco de seu próprio rosto jamais voltará a olhar para si, pois sempre terá medo de si próprio. O desespero é seguido de uma inquietude extremamente torturante. E que outra coisa faz o grotesco senão atualizar e intensificar o medo e a inquietude?

PRESENTIMENTO DA LOUCURA

Os seres humanos jamais compreenderão por que alguns deles têm de enlouquecer, por que existe — como uma fatalidade inexorável — a entrada no caos, onde a lucidez não consegue durar mais que um relâmpago. As mais inspiradas páginas — que exalam um lirismo extremo, que nos encarceram numa ebriedade total do ser, de uma exaltação orgânica — só podem ser escritas numa tal tensão nervosa, que o retorno ao equilíbrio se torna ilusório. É impossível continuar vivendo normalmente depois de experimentar tais tensões. O foro íntimo do ser não sustém mais a evolução natural, enquanto as barreiras interiores perdem toda consistência. O pressentimento da loucura só se manifesta depois de experiências capitais e grandiosas. Como se houvéssimos nos alçado a alturas grandes demais, e fôssemos acoçados por uma vertigem e começássemos a balançar, a perder a segurança e a sensação normal do imediato e do concreto. Um grande peso parece oprimir o cérebro, como se quisesse reduzi-lo a uma ilusão, embora só essas sensações fossem capazes de revelar a

terrível realidade orgânica da qual brotam as nossas experiências. Debaxo dessa pressão, que procura nos arremessar ao chão ou nos lançar aos ares, surge o pavor cujos elementos são nesse caso difíceis de definir. Não é o pavor da morte, persistente e obsedante, que domina o homem e prevalece até sufocá-lo, insinuando-se em todo o ritmo do nosso ser a fim de aniquilar dentro de nós o processo da vida, mas um pavor fulgurante, que se manifesta raramente mas com intensidade, como uma perturbação súbita, eliminando para sempre a possibilidade de uma futura bonança. É impossível precisar e definir esse estranho pressentimento da loucura. O que é realmente terrível nele vem do fato de nós pressentirmos na loucura uma perda total na vida, que perdemos tudo irremediavelmente, ainda vivendo. Continuo respirando ou comendo, mas perdi tudo aquilo que acrescentei às funções biológicas. Trata-se apenas de uma morte aproximada. Na loucura, perdemos o que temos de específico, o que achamos que nos individualiza no universo, nossa perspectiva particular e certa orientação da consciência. Através da morte perdemos tudo, mas essa perda se produz por um salto no Nada. Por isso, o medo da morte é persistente e essencial, porém menos estranho que o medo da loucura, em que nossa semipresença é um elemento de inquietude muito mais complexo que o temor orgânico de uma ausência total do Nada em que a morte nos imerge. A loucura não seria uma fuga das misérias da vida? Essa pergunta só se justifica na teoria, pois, na prática, para quem sofre de determinadas ansiedades, o problema se apresenta sob uma luz, ou melhor, uma sombra completamente diferente. O pressentimento da loucura se complica com o medo da *lucidez* da loucura, com o medo dos momentos de reconhecimento, de recomposição, quando a intuição do desastre pode ser tão torturante a ponto de provocar uma loucura ainda maior. Não há salvação pela loucura, pois, diante do pressentimento da loucura, não há quem não tema uma eventual lucidez. *Desejamos o caos, mas temos medo de suas luzes.*

gravidade sem conteúdo das pessoas consideradas sérias, mas de uma tensão tão doida, que a cada momento da vida somos alçados ao plano da eternidade. Viver na História perde então todo significado, pois o momento é vivido com uma tensão tão exagerada, que o tempo se apresenta apagado e irrelevante diante da eternidade. É evidente que, diante de questões puramente formais, por mais difíceis que sejam, não se pode exigir uma seriedade infinita, pois elas são exclusivamente produzidas por incertezas da inteligência, sem despontar da estrutura orgânica e total do nosso ser. Só o pensador orgânico e existencial é capaz desse tipo de seriedade, pois só para ele as verdades são vivas, frutos mais de uma tortura íntima e de uma afecção orgânica que de uma especulação inútil e gratuita. Diante do homem abstrato, que pensa pelo prazer de pensar, surge o homem orgânico, que pensa sob a determinação de um desequilíbrio vital que está além da ciência e além da arte. Gosto do pensamento que mantém o aroma de sangue e de carne e prefiro mil vezes, à abstração vazia, a reflexão gerada por uma efervescência sexual ou por uma depressão nervosa. Será que os seres humanos ainda não se convenceram de que já passou o tempo das preocupações superficiais e inteligentes, que é infinitamente mais importante a questão do sofrimento do que a do silogismo, que um grito de desespero é infinitamente mais revelador que a mais sutil distinção e que uma lágrima sempre tem raízes mais profundas que um sorriso? Por que não queremos aceitar o valor exclusivo das verdades vivas, das verdades por nós produzidas e que revelam realidades e valores que nos constituem? Por que não compreendemos que se pode pensar *vivamente* sobre a morte, sobre a questão mais perigosa que existe, e que, se abordá-la nos destrói e nos isola em vida, por meio de uma participação íntima e dolorosa, ela apesar de tudo se revela para nós como uma verdade viva?

É possível falar da morte sem a experiência da agonia? A morte não pode ser compreendida sem que a vida seja sentida como uma longa agonia, em que a morte se confunde com a vida.

A morte não é algo exterior, ontologicamente diferente da vida, pois *morte* como realidade autônoma de vida não existe. Entrar na morte não significa, assim como crê a mentalidade vigente e em geral o Cristianismo, dar o último suspiro e passar para uma região de estrutura elevada e positividade diferente da vida, mas descobrir, na progressão da vida, um caminho para a morte e encontrar nas pulsações do vital uma profundidade imanente a ela. No Cristianismo e nas metafísicas que reconhecem a imortalidade, entrar na morte é um *triunfo*, é acessar regiões excelsas, metafisicamente diferentes da vida. Pela morte, que se torna uma região à parte da natureza, o homem se libera, enquanto a agonia, ao invés de abrir perspectivas para a vida em que ela se realiza, desvela esferas que a transcendem completamente. À distinção dessas visões, o verdadeiro sentido da agonia parece-me ser a revelação da imanência da morte em vida. Por que tão poucos têm a sensação da imanência da morte em vida, e a experiência da agonia é tão rara? Não seria falsa toda a nossa suposição, tornando-se verossímil o esboço de uma metafísica da morte apenas por meio da concepção de uma transcendência dela?

Gente saudável, normal e medíocre não tem a experiência da agonia nem a sensação da morte. Essa gente vive como se a vida tivesse um caráter definitivo. É graças à estrutura do seu equilíbrio superficial que as pessoas normais sentem que a vida goza de uma autonomia absoluta em relação à morte, objetivando-a numa realidade que transcende a vida. Por isso, elas consideram que a morte vem do exterior, e não de uma fatalidade interna da natureza. Viver sem a sensação da morte significa experimentar a doce inconsciência do homem comum, que se comporta como se a morte não constituísse uma presença eterna e inquietante. Uma das maiores ilusões do homem normal é acreditar no caráter definitivo da vida e estar acima da sensação de encarceramento da vida pela morte. Revelações de ordem metafísica só começam a nascer quando o equilíbrio superficial do homem começa a

oscilar e quando a espontaneidade ingênua é substituída por um tormento doloroso e tenso do vital.

A transcendência da morte está presente na visão daqueles que, graças às incertezas da vida, não chegam a um substrato orgânico ou a uma agonia íntima, mas a uma causa exterior, desenvolvendo até o paroxismo a sensação de serem engolidos, rápida e bruscamente pela morte. Nesse caso, a sensação da morte é tão rara, que é como se não existisse. Mesmo ao atingir por vezes uma forte intensidade, a manifestação, tão distante no tempo, anula a possibilidade de uma obsessão dolorosa. O fato de que a sensação da morte só aparece quando a vida sofre um desequilíbrio ou uma interrupção de sua espontaneidade irracional, quando a vida é sacudida em suas bases e quando o ritmo vital é ativado por uma tensão total e não por uma expansão superficial e efêmera, prova, até o nível da certeza interior, a imanência da morte na vida. Uma análise de suas profundezas nos demonstra quão ilusória é a crença numa pureza vital e quão fundada é a convicção num substrato metafísico do demonismo da vida.

Sendo a morte imanente à vida, por que a consciência da morte torna impossível viver? A existência do homem normal não é perturbada, pois o processo de entrar na morte ocorre de maneira perfeitamente ingênua, com a diminuição da intensidade vital. Para ele só existe a agonia derradeira, e não uma agonia duradoura, ligada às premissas do vital. Numa perspectiva profunda, cada passo na vida é um passo na morte, enquanto a lembrança não passa de um sinal do Nada. O homem normal, privado de compreensão metafísica, não conscientiza sua entrada progressiva na morte, embora nem ele — assim como nenhuma criatura — escape desse destino inexorável. Com a autonomia em relação à vida com que a consciência nos dota, a revelação da morte se torna tão intensa, que sua presença destrói toda espécie de ingenuidade, todo elã de alegria e toda volúpia natural. Há uma perversão, uma degradação infinita na consciência da morte.

sentido pode ter uma sutileza ou uma argumentação lógica para quem foi profundamente penetrado pela sensação do irremediável? São nulas todas as tentativas de desviar as questões existenciais para um plano lógico. Os filósofos são por demais orgulhosos para confessar seu medo da morte e por demais exigentes para reconhecer uma fecundidade espiritual da doença. Existe uma serenidade falsa em suas considerações sobre a morte; na verdade, eles são os que mais tremem. Mas cabe lembrar que a filosofia é a arte de mascarar sensações e suplícios íntimos a fim de enganar o mundo sobre as verdadeiras raízes do filosofar.

A sensação do irreparável e do irremediável, que sempre acompanha a consciência e a sensação de agonia, pode no máximo explicar uma dolorosa aceitação misturada ao medo, mas de jeito algum o amor ou a simpatia pelo fenômeno da morte. A arte de morrer não pode ser aprendida porque não envolve nenhuma técnica, nenhum complexo de regras ou de normas. O caráter irremediável da agonia é experimentado no próprio ser do indivíduo, com infinitos sofrimentos e tensões. A maioria das pessoas não tem consciência de sua lenta agonia. Para elas, existe uma só agonia, a que precede a entrada absoluta no Nada. Em sua consciência, só os momentos dessa agonia trazem revelações importantes sobre a existência. Em vez de captarem o significado de uma agonia lenta e reveladora, todas as suas expectativas se concentram no final. O final, porém, vai esclarecê-las pouco demais e, assim, elas vão falecer na mesma inconsciência em que viveram.

O fato de a agonia se desenrolar no tempo demonstra que a temporalidade não é apenas um caráter ou uma condição para a criação, mas para a morte, para o fenômeno dramático do morrer. É aqui que se manifesta o caráter demoníaco do tempo, em que se desenrola tanto o nascimento quanto a morte, tanto a criação quanto a destruição, sem que se evidencie, nesse complexo, qualquer convergência para um plano transcendente.

O demonismo do tempo favorece a sensação do irremediável.

Por que a melancolia exige um Infinito exterior? Porque em sua estrutura está presente uma dilatação e um vazio cujas fronteiras não podem ser determinadas. Os limites podem ser ultrapassados seja em modo positivo, seja em negativo. Exuberância, entusiasmo, fúria etc. são estados desbordantes cuja intensidade rompe qualquer barreira limitadora e ultrapassa o equilíbrio normal. É um impulso positivo da vida, resultado de um excesso de vida, de uma plethora de vitalidade e de uma expansão orgânica. Em estados positivos, a vida ultrapassa seus determinadores normais não para se negar, mas para liberar reservas latentes que, acumuladas, correm o risco de explodir com violência. Todos os estados extremos derivam da vida, por meio dos quais ela se defende de si mesma. A transcendência dos limites dos estados negativos tem um significado completamente diferente, pois ela não parte da plenitude, mas de um vazio cujos limites não são demarcáveis. E isso ainda mais quando o Vazio parece brotar das raízes do ser, estendendo-se progressivamente como uma gangrena. É um processo de diminuição, e não de crescimento; por isso, é um retorno ao Nada, e não um desabrochar na existência.

→ A sensação de Vazio e de dilatação na direção do Nada, que não falta na melancolia, tem sua mais profunda raiz no cansaço, presente em todos os estados negativos.

✶ O cansaço separa o homem do mundo e das coisas. O ritmo intenso da vida enfraquece, enquanto as pulsações orgânicas e a atividade interna são desprovidas daquela tensão que particulariza a vida no mundo, que a determina como um momento imanente da existência. O cansaço é o primeiro determinante orgânico do saber, pois ele desenvolve as condições indispensáveis para uma diferenciação do homem no mundo; através dele, chegamos àquela perspectiva que situa o mundo diante do homem. O cansaço nos faz viver sob o nível normal da vida e, quanto às grandes tensões vitais, ele só permite termos delas um vago pressentimento. As origens da melancolia se en-

estados essa consciência é deprimente e torturante, na melancolia ela é menos dolorosa devido à sublimação que torna a solidão e o abandono muito menos opressores, emprestando-lhes por vezes um caráter voluptuoso.

A desproporção entre a infinitude do mundo e a finitude do homem é um sério motivo de desespero; mas quando a observamos a partir de uma perspectiva onírica, assim como ocorre nos estados melancólicos, ela cessa de ser torturante e o mundo se apresenta numa beleza estranha e doentia. O sentido profundo da solidão visa a uma suspensão dolorosa do homem na vida e a um suplício no seu isolamento com o pensamento da morte. Viver sozinho significa não exigir mais nada e não esperar mais nada da vida. A única surpresa da solidão é a morte. Os grandes solitários jamais se recolheram para se preparar para a vida, mas para aguardar, interiorizados e resignados, a aniquilação de sua vida. Dos desertos e das cavernas não se podem trazer mensagens para a vida. Não condena a vida todas as religiões que partiram do deserto? E não há na iluminação e na transfiguração dos grandes solitários uma visão apocalíptica de fim e queda ao invés de uma auréola de triunfos e cintilações?

A solidão dos melancólicos tem um significado muito menos profundo; ela tem por vezes até mesmo um caráter *estético*. Não se ouve falar de doce melancolia, de melancolia voluptuosa? Mas a própria atitude melancólica, por sua passividade e desprendimento, não é estetizante?

A atitude estética diante da vida se caracteriza por uma passividade contemplativa que saboreia do real tudo o que convém à subjetividade, sem norma e sem critério. O mundo é considerado um espetáculo e o homem, um espectador que assiste passivo ao desenrolar de certos aspectos. A concepção espetacular da vida elimina o trágico e as antinomias imanentes à existência, que, uma vez sentidas e reconhecidas, nos prendem ao drama do mundo num doloroso turbilhão. A experiência do trágico pressupõe uma tensão tão grande que a vivência estética nem

que, proporcionando em nós um crescimento, é causa implícita de aniquilação.

Os remorsos tornam o homem melancólico sem paralisá-lo ou sem fazê-lo perder as aspirações, pois no remorso há uma consciência do irreparável só no tocante ao passado, o futuro permanecendo de certa forma em aberto. A melancolia não é um estado de gravidade concentrada, cerrada, que se desenvolve com base numa afecção orgânica, pois nela não há nada daquela pavorosa sensação do irreparável que domina toda a existência, a qual está presente em certos casos de tristeza profunda. Até mesmo a melancolia negra é mais um caso de disposição temporária do que constitucional. E se fosse o caso da segunda, é muito provável que o caráter de devaneio a assimilasse a uma doença, com todas as suas implicações. Do ponto de vista formal, tanto no caso da melancolia doce e voluptuosa, como no caso da melancolia negra, há o mesmo grupo de elementos: Vazio interno, Infinito externo, vaguidão de sensações, devaneio, sublimação etc.; mas só do ponto de vista da tonalidade afetiva da visão é que a diferenciação é evidente. É possível que a multipolaridade da melancolia dependa mais da estrutura da subjetividade do que de sua natureza. Nesse caso, o estado melancólico, em seu caráter difusamente quimérico e vago, assumiria formas específicas em cada pessoa. Desprovida de grande intensidade dramática, ela oscila e flutua muito mais do que os outros. Possuindo mais virtudes poéticas do que ativas, ela tem um quê de graça refreada (por isso a encontramos mais nas mulheres), graça que jamais encontramos na tristeza intensa e profunda.

Essa graça não se ausenta nem nas paisagens de colorido melancólico. A ampla perspectiva da paisagem holandesa ou da paisagem do Renascimento, com eternidades de luz e sombras, com vales cujos meandros simbolizam o Infinito e com raios que emprestam ao mundo um caráter de imaterialidade, com aspirações e remorsos da gente que esboça um sorriso de compreensão e boa vontade — toda essa perspectiva revela uma graça

iluminação? Que bem e que iluminação? Se alguém se sacrificou para que eu fosse feliz agora, sou então mais infeliz que ele, pois não entendo por que erguer minha existência por cima de um cemitério. Há momentos em que me sinto responsável por toda a miséria da História, em que não compreendo por que alguém derramou sangue por nós. A maior ironia será, contudo, no momento em que se provar que eles foram mais felizes do que nós. Maldita seja a História toda. Nada mais neste mundo me interessa; a própria questão da morte me parece ridícula; o sofrimento, limitado e não revelador; o entusiasmo, impuro; a vida, racional; a dialética da vida, lógica e não demoníaca; o desespero, menor e parcial; a eternidade, uma conversa fiada; a experiência do Nada, uma ilusão; a fatalidade, uma piada... Pois, levando a sério, que sentido tem tudo isso? Para que problematizar, para que atirar luzes ou aceitar sombras? Não seria melhor enterrar minhas lágrimas na areia às margens do mar, na mais completa solidão? Nunca chorei, porém, pois as lágrimas se transformaram em pensamentos. E não seriam esses pensamentos tão amargos quanto as lágrimas?

ÊXTASE

Ignoro que sentido possa ter, para um espírito cético, para quem este mundo é um mundo em que nada se resolve, a presença do mais formidável êxtase, do mais revelador e mais rico, do mais complexo e mais perigoso, do êxtase das raízes últimas da existência. Não ganhamos, com tal êxtase, nenhuma espécie de certeza explícita ou de conhecimento definido, porém a sensação de uma participação essencial é tão intensa que ultrapassa todos os limites e categorias do conhecimento comum. É como se, neste mundo de obstáculos, de misérias e suplício, em que os aspectos individuais da existência se apresentam em sua consistência irreduzível, uma porta se abrisse para o âmago da existência, possibilitando-nos apreendê-lo na visão mais simples

num indivíduo cético? A loucura do êxtase não se revela pela presença da mais bizarra certeza e da mais essencial visão num ambiente de dúvida e desespero?

Ninguém será açoitado por estados extáticos sem a experiência prévia do desespero, pois, tanto num caso como no outro, produzem-se purificações imensas, embora de teor diferente.

As raízes da metafísica são tão complicadas quanto as raízes da existência.

O MUNDO EM QUE NADA SE RESOLVE

Existe mais alguma coisa na face desta terra que não possa ser posta em dúvida, além da morte, única coisa certa neste mundo? Duvidar de tudo e apesar disso viver, eis um paradoxo que não é dos mais trágicos, pois a dúvida é menos intensa e menos tensa que o desespero. Não é sintomático que o tipo mais frequente de dúvida é o cerebral, em que, por conseguinte, o ser humano participa apenas com uma parte de seu ser, à distinção da participação total e orgânica no caso do desespero? Mesmo nas formas orgânicas e sérias da dúvida, a intensidade nunca é equivalente à do desespero. Certo diletantismo e um gênero particular de superficialidade caracterizam o ceticismo diante do desespero, esse fenômeno tão estranho e complexo. Podemos duvidar de qualquer coisa, podemos lançar um sorriso depreciativo para o mundo, mas isso não nos impede de comer, de ter um sono tranquilo ou de nos casar. No desespero, de cuja profundidade não podemos nos convencer a não ser vivenciando-o, tais gestos só são possíveis por meio de esforço e sofrimento. Nos cumes do desespero, ninguém tem ou pode ter direito ao sono. Por isso, nenhum desesperado autêntico pode se esquecer de sua própria tragédia, mantendo na consciência a dolorosa atualidade de sua miséria subjetiva para além de qualquer limite. A dúvida é uma inquietude que se refere a problemas e coisas,

insolúveis, passa a ser indigno até mesmo do nosso desprezo. Não porque tenhamos um valor especial ou tenhamos atingido uma determinada excelência no universo, mas porque nada mais pode nos interessar além de nossa agonia pessoal.

CONTRADIÇÕES E INCONSEQUÊNCIAS

Cuidado pela unidade e pelo sistema não tiveram e jamais terão aqueles que escrevem em momentos de inspiração, quando o pensamento não passa de uma expressão orgânica e pessoal que obedece às flutuações e variações da disposição nervosa e orgânica. A unidade perfeita, a preocupação por sistema e coerência indicam uma vida pessoal de poucos recursos, esquemática e insípida justamente como as contradições do capricho ou de um paradoxo fácil. Só contradições grandes e perigosas, antinomias interiores insolúveis, revelam uma vida espiritual fecunda, pois só nelas o fluxo e a abundância interior podem encontrar meios de realização. Quem varia pouco de estado de ânimo e ignora experiências extremas não tem como se contradizer, pois suas tendências reduzidas não são capazes de gerar oposições. Quem vive, porém, numa exasperante ebulição de ódio, desespero, caos, Nada ou amor, quem se consome em cada estado e morre aos poucos em cada um e por cada um deles, quem só consegue respirar nos cumes, quem está sempre sozinho — sobretudo quando rodeado por outras pessoas — como poderia crescer balizado por uma evolução linear ou cristalizar-se num sistema? Tudo o que é forma, sistema, categoria, enquadramento, absolutização, deve-se a um déficit de conteúdo e produtividade, a uma carência de energia interior, a uma esterilidade da vida espiritual. Suas grandes tensões desembocam no caos e na loucura da exaltação extrema. Não há vida espiritual fecunda que não conheça estados caóticos e a efervescência do paroxismo dos estados doentios, quando a inspiração surge como condição

não é um estado desbordante, mas um estado que se esgota e morre. O que singulariza a tristeza de maneira extremamente significativa é o seu frequente surgimento logo depois das grandes satisfações e realizações vitais. Por que o ato sexual é seguido da tristeza, por que ficamos tristes depois de uma formidável bebedeira ou depois de um paroxismo dionisiaco? Por que as grandes alegrias geram tristeza? Porque o elã consumido em tais excessos deixa apenas a sensação do irreparável, do abandono e da perda, que atinge, em ordem negativa, uma enorme intensidade. Ficamos tristes depois das satisfações sexual e dionisiaca pois, em vez de termos a sensação de um ganho, temos a de uma perda. [A tristeza surge sempre depois dos fenômenos em que a vida perde um pouco de si própria.] Sua intensidade equivale às perdas. Assim, o fenômeno da morte provoca a maior das tristezas. E não seria revelador, para a diferença entre melancolia e tristeza, o fato de não se poder jamais qualificar um enterro de melancólico? A tristeza não tem caráter estético, caráter este que só muito raramente falta à melancolia. É interessante observar como a área em que reina o estético se estreita à medida que nos aproximamos de experiências e realidades capitais, que têm um caráter decisivo ou de encruzilhada. A morte é a negação total do estético, assim como o sofrimento ou a tristeza. A morte e a beleza! Duas noções que mutuamente se excluem. Desconheço algo mais enauseante que a morte, mais sério e mais sinistro! Como é possível ter havido poetas que consideraram a morte mais bela, essa negatividade suprema que não consegue vestir nem mesmo a roupa do grotesco. A morte é a realidade suprema em ordem negativa. Irônico é o fato de a temermos quanto mais a admiramos. Devo dizer, ademais, que a negatividade da morte me inspira admiração. É a única coisa, porém, que posso admirar sem amar. A grandiosidade e a infinidade da morte impõem-se diante de mim. Mas o meu desespero é tão vasto, que não tenho nem a esperança da morte. Como poderia eu, então, amá-la? Sobre a morte só se pode escrever em contradições absolutas.

destino, estar cansado de viver, estar cansado de pensar e de existir para além de qualquer resistência, deixar um rastro de sangue e de fumaça atrás de si como símbolos do drama e da morte do nosso ser significa ser tão infeliz que ficamos com náusea de todo esse fenómeno do pensar, e nos indagamos se a reflexão não seria um fardo para a humanidade. Há muito o que se lamentar neste mundo em que eu não deveria ter nada a lamentar. E me pergunto: seria este mundo digno do meu lamento?

INSATISFAÇÃO TOTAL

Que espécie de maldição paira sobre algumas pessoas que não conseguem se sentir bem em lugar nenhum? Faça chuva ou faça sol, sozinhas ou acompanhadas. Desconhecer o que significa boa disposição, eis algo impressionante. As pessoas mais infelizes são as que não têm direito à inconsciência. Ter um grau desenvolvido de consciência, estar consciente a cada momento, perceber a todo instante sua relação com o mundo, viver numa eterna tensão de conhecimento significa perder-se para a vida. O conhecimento é uma chaga para a vida, enquanto a consciência é uma ferida aberta no âmago da vida. Não é o homem um animal abandonado à morte? E não é uma tragédia ser homem, quer dizer, um animal eternamente insatisfeito, suspenso entre a vida e a morte? A qualidade de ser homem me entedia profundamente, ou melhor, me aniquila. Se eu pudesse, renunciaria a ela agora mesmo — mas depois eu restaria sendo o quê, um animal? Não posso percorrer o caminho de volta. Ademais, estaria arriscando me tornar um animal conhecedor da história da filosofia. Tornar-se super-homem parece-me uma impossibilidade e uma bobagem, uma fantasia ridícula. Não haveria uma solução apropriada numa espécie de supraconsciência? Não seria possível viver *além*, e não *aquém* (na direção da animalidade) de todas as formas complexas de consciência, de inquietudes e tormentos, de perturbações nervosas e experiências espirituais, numa esfera

despojando-o de seu caráter imperialista? Experimentar um banho de fogo, sentir o movimento de um calor interior, repleto de chamas, não seria atingir uma pureza imaterial em vida, uma imaterialidade semelhante à dança das chamas? Emancipar-se da dificuldade, das forças atrativas — que é o que ocorre nesse banho de fogo — não faz da vida uma ilusão, um sonho? Mas isso também é pouco demais comparado à sensação final, que é uma das mais paradoxais e mais esquisitas, quando, a partir da sensação de irrealidade do sonho, chegamos à sensação de termos sido reduzidos a cinzas. Não há banho interior de fogo cujo resultado final não seja o estranho turbilhão da sensação dessa transformação em cinzas, quando realmente podemos falar de imaterialidade. Depois de as chamas interiores queimarem tudo o que há em nosso interior, quando não restar mais nada da nossa existência individual além das cinzas, que sensação de vida ainda podemos ter? Sou tomado por uma volúpia desvairada e de uma infinita ironia sempre que penso que alguém poderia soprar minhas cinzas aos quatro cantos do mundo, que o vento poderia propagá-las com uma rapidez frenética, dispersando-me no espaço como uma eterna reprimenda contra este mundo.



DESINTEGRANDO-SE DA VIDA

Nem todas as pessoas perderam a ingenuidade; por isso, nem todas são infelizes. Quem viveu ou vive assimilado, ingênuo, na existência, não por burrice ou imbecilidade — pois a ingenuidade exclui tais deficiências, sendo ela um estado muito mais puro — mas por um amor instintivo e orgânico pela graça natural do mundo que a ingenuidade sempre acaba descobrindo, atinge uma harmonia e realiza uma tal integração na vida que merece ser invejada ou ao menos apreciada pelos que se perdem nos cumes do desespero. Desintegrar-se da vida corresponde a uma perda total da ingenuidade, esse dom encantador que o conhecimento, inimigo declarado da vida, destruiu. A vida cósmica, a

mundo sem qualquer sentido — pois o meu heroísmo é grotesco e desprovido da visão do triunfo — essa atração misteriosa deve existir.

* SOBRE A REALIDADE DO CORPO

Jamais entenderei como puderam existir tantas pessoas que declararam ser o corpo uma ilusão, assim como jamais entenderei como o espírito pôde ter sido concebido fora do drama da vida, fora de suas contradições e debilidades. Bem se vê que aquelas pessoas não tiveram a consciência da carne, dos nervos e de cada órgão à parte. Mas também jamais entenderei como não a tiveram, embora eu pressuponha, nessa inconsciência orgânica, uma condição essencial da felicidade. Quem não se desprende da irracionalidade da vida, quem permanece sujeito ao seu ritmo orgânico, anterior ao surgimento da consciência, jamais atinge o estado em que a realidade corporal indica uma doença essencial da vida. Não seria doença percebermos continuamente os nossos nervos, nossas pernas, nosso estômago, nosso coração etc., chegarmos à consciência de cada parte de nós? Tal processo não indicaria que essas partes se desintegram de suas funções normais? A realidade do corpo é uma das mais horrendas que existem. Queria ver o que o espírito ainda significaria sem os tormentos da carne, ou a consciência, sem uma enorme sensibilidade nervosa. Como é que puderam conceber vida na ausência de corpo, como puderam conceber uma existência autônoma e original do espírito? Só quem não tem espírito, só quem é saudável e inconsciente é capaz de tal feito. *O espírito é fruto de uma doença da vida, assim como o homem não passa de um animal adoentado. A existência do espírito é uma anomalia da vida.* Já abdiquei de tanta coisa, por que não abdicaria também do espírito? Mas não seria a abdicção uma doença do espírito, antes de ser uma doença da vida?

interessam. Sentir-se atirado e suspenso no mundo, incapaz de se adaptar a ele, consumido em si próprio, destruído por suas próprias debilidades ou exaltações, atormentado por suas próprias insuficiências — sem considerar os aspectos exteriores do mundo, que podem ser brilhantes ou sombrios — e permanecer no mesmo drama interior, eis o que significa solidão individual. A sensação de solidão cósmica, embora ocorra também no indivíduo, não deriva tanto de sua aflição puramente subjetiva quanto da sensação de abandonar este mundo, do Nada exterior. É como se todos os esplendores deste mundo de súbito desaparecessem para evocar a monotonia essencial de um cemitério. Muita gente é torturada pela visão de um universo desolado, irremediavelmente abandonado a uma solidão glacial, que não se deixa tocar nem mesmo pelos débeis reflexos de uma luz crepuscular. Quem é mais infeliz: os que sentem a solidão dentro de si, ou os que a sentem do lado de fora? Impossível responder. Ademais, para que me atormentar com uma hierarquia da solidão? Estar sozinho, do jeito que for, não é suficiente?

Deixo por escrito, para todos os que vierem depois de mim, que não tenho em que acreditar neste mundo e que a única escapatória é o esquecimento absoluto. Gostaria de me esquecer de tudo, esquecer-me completamente de mim e deste mundo. As verdadeiras confissões só podem ser escritas com lágrimas. Mas as minhas lágrimas inundariam este mundo, assim como o meu fogo interior o incendiaria. Não preciso de apoio, não preciso de estímulo nem de compaixão, pois, embora eu seja o mais decadente, sinto-me forte, duro e feroz! Sou de fato o único homem a viver sem esperança. Ora, isso é o cúmulo do heroísmo, seu paroxismo e seu paradoxo. Loucura suprema! Eu deveria canalizar toda a paixão caótica e desorientada que me habita para esquecer tudo, para não ser mais nada, para escapar do espírito e da consciência. Eu também tenho esperança: a

seja ascensão e queda. Que torrões de terra se atirem para cima para em seguida serem disseminados pelo vento; que os planetas descrevam no céu arabescos bizarros, linhas meândricas e grotescas, figuras deformadas e assustadoras. Que turbilhões de fogo cresçam num ritmo selvagem e um ruído bárbaro invada o mundo inteiro, para que até a menor das criaturas vivas saiba que o fim se aproxima. Que tudo o que é forma torne-se informe e que o caos engula, num turbilhão universal, tudo o que este mundo conheceu como estrutura, consistência e forma. Oxalá impere um alvoroço desvairado, um estrépito colossal, terror e explosão, após o que nada reste além do silêncio eterno e do esquecimento definitivo. Que as pessoas vivenciem, nesses instantes finais, uma tal temperatura, de modo que tudo o que a humanidade tenha até então sentido como remorso, aspiração, amor, desesperança ou ódio nelas irrompa numa explosão devastadora. Nessa comoção, em que todas as pessoas abandonariam suas ocupações, quando ninguém mais encontraria sentido na mediocridade do dever, quando a existência se desintegraria de tanta contradição interior, o que mais restaria além do triunfo do Nada e da apoteose final do não ser?

MONOPÓLIO DO SOFRIMENTO

Pergunto-me por que só algumas pessoas sofrem. Existiria alguma razão nessa seleção que retira da massa de gente normal uma categoria de eleitos destinados às mais terríveis torturas? Certas religiões afirmam que o sofrimento é o meio pelo qual a Divindade nos põe à prova ou nos faz expiar um mal ou uma descrença. Embora esse conceito possa ser válido para a ilusão do homem religioso, ele não o é para aquele que vê como o sofrimento se aninha em todos os tipos de indivíduos, muitas vezes mais frequente até mesmo entre os puros e inocentes. Não há justificação de valor no fenômeno do sofrimento. É absolutamente impossível fundamentar o sofrimento numa hierarquia

preender que força terrível de decomposição ele encerra, quanta desagregação e quanto veneno, mas também quanta fecundidade — que porém paga-se caro. Deter o monopólio do sofrimento é viver suspenso sobre um abismo. E todo sofrimento verdadeiro é um abismo.

[O SENTIDO DO SUICÍDIO]

Como são covardes os que afirmam que o suicídio é uma afirmação da vida! Para desculpar sua impotência e sua falta de ousadia, eles inventam os mais diversos motivos ou elementos. Na verdade, não existe vontade ou decisão racional de se suicidar, mas apenas determinadores orgânicos, íntimos, que nos podem predestinar ao suicídio.

Os suicidas sentem um impulso patológico na direção da morte, o qual são incapazes de suprimir, embora a ele resistam conscientemente. A vida para eles chegou a um tal desequilíbrio, que nenhum motivo de ordem racional pode mais consolidá-la. Não há suicídios baseados em decisões racionais, resultantes de reflexões sobre a inutilidade do mundo ou sobre o Vazio da vida. Se me forem apresentados os casos dos sábios da antiguidade que se suicidavam na solidão, responderei que o suicídio deles era possível apenas porque haviam aniquilado a vida dentro de si, destruído toda pulsação de vida, toda alegria de existir e todo tipo de tentação. Pensar muito sobre a morte ou sobre outros problemas perigosos é certamente dar um golpe mais ou menos mortal sobre a vida, mas não é menos verdadeiro o fato de que a mesma vida, o mesmo corpo em que tais problemas fervilham tem de ter sido previamente afetado para permitir pensamentos dessa natureza. Ninguém se suicida por causa de acontecimentos exteriores, mas devido ao seu próprio desequilíbrio interior e orgânico. As mesmas condições exteriores desfavoráveis deixam uns indiferentes, afeta a outros, enquanto leva outros mais ao suicídio. Para se chegar à ideia obsessiva do suicídio, é necessária

impressionam, porque só nelas fervilham grandes paixões e se desenvolvem grandes transfigurações. Quem vive a vida positivamente, com a segurança de cada instante, encantado pelo passado, pelo presente e pelo futuro, merece apenas a minha estima. Só quem a cada momento se encontra em contato dramático com as realidades últimas me comove para além de qualquer resistência.

Por que não me suicido? Porque tanto a morte como a vida me enauseiam. Eu deveria ser atirado a um caldeirão em chamas. Não tenho a mínima ideia do que estou fazendo no universo. Sinto neste momento uma necessidade de gritar, de dar um berro que horripile o mundo todo, que faça todos tremerem, estremecerem num desvario assustador. Sinto virtualmente em mim um raio terrível que, para a minha surpresa, não irrompe para aniquilar este mundo, que eu engoliria para sempre no meu Nada. Sinto-me como a mais terrível criatura que já existiu na história, sinto-me como uma besta apocalíptica repleta de chamas e trevas, de elãs e desesperos. Sou uma fera de sorriso grotesco, que se contrai em si própria até a ilusão e se dilata até o Infinito, que morre e cresce ao mesmo tempo, encantada entre Tudo e Nada, exaltada entre a esperança do Nada e o desespero do Tudo, criada entre perfumes e venenos, abrasada pelo amor e pelo ódio, aniquilada por luzes e sombras. O meu símbolo é a morte da luz e a chama da morte. Em mim todas as cintilações se apagam para renascerem em raio e relâmpago. Não estaria a própria escuridão pegando fogo dentro de mim?

LIRISMO ABSOLUTO

Quero arrebentar numa explosão radical com tudo o que há dentro de mim, com toda a energia e todos os conteúdos, escorrer, decompor-me e que, numa expressão direta, minha própria destruição fosse minha obra, minha criação, minha inspiração. Realizar-me por intermédio da destruição, elevar-me num ímpeto demente para além dos limites, e que minha

uma atualidade total da vida e o conteúdo mais profundo do ser se manifestam para se resolverem de uma maneira ou de outra. Via de regra, o lirismo absoluto tende a resolver tudo no sentido da morte. Pois tudo o que é capital está ligado à morte.

Sinto que debaixo dos meus pés deveria abrir-se um imenso e escuro Vazio que me engolisse para sempre na noite dos tempos. E me surpreendo como esse processo ocorre apenas na sensação, e não também na realidade. Nesses momentos, nada me pareceria mais natural do que eu mergulhar nas profundidades da escuridão, onde nada da claridade opaca deste mundo teria o menor vestígio de reflexo. Não quero buscar uma explicação orgânica desse impulso que parte de mim em direção às trevas, pois não posso encontrá-la nem para a embriaguez de luz. Penso, contudo, com perplexidade, que sentido pode ter essa alternância entre a experiência da luz e a experiência das trevas. Todo o conceito de polaridade me parece insuficiente, pois, na ladeira para as regiões noturnas, existe uma inquietude muito mais profunda que não pode brotar de um esquema do ser, de uma geometria da existência. A sensação de ser engolido pela noite, por uma noite que se desabre debaixo dos nossos pés, só é possível ao sentirmos algo que oprime nosso cérebro e todo o nosso ser, como a pressão de uma imensidade noturna sobre todo o organismo. Como vai me engolir, para todo o sempre, a noite ilimitada deste mundo!

Sensação de confusão absoluta! Ou seja, não poder fazer nenhuma distinção, nenhuma diferenciação e nenhum enquadramento, não poder esclarecer nada, não compreender e não apreciar nada. A sensação dessa confusão absoluta faz de qualquer filósofo um poeta, mas nem todos os filósofos são capazes de atingi-la e vivenciá-la com intensidade duradoura. Se a atingissem, não poderiam mais filosofar de maneira abstrata e rígida. O

mais vívida realização? Na sensação graciosa da vida, a graça é percebida como uma tensão imaterial, um fluxo puro de vitalidade que jamais ultrapassa a harmonia imanente de qualquer ritmo gracioso. Há uma espécie de sonho da vida em toda graça, um jogo desinteressado, uma expansão que encontra seus limites em si mesma, e não fora de si. Por isso, a graça dá uma ilusão prazerosa de liberdade, de abandono espontâneo e direto, de um sonho imaculado que medrou sob os raios do sol. O desespero inclui um paroxismo da individuação, uma interiorização dolorosa e singular nos cumes, um isolamento do homem no mundo. Todos os estados gerados por um rompimento do contato normal com o mundo e que nos levam aos cumes da solidão individual intensifica o fenômeno da individuação, determinando até ao paroxismo a individualização do homem no mundo. A graça do homem não leva ao paroxismo da individuação, mas a uma sensação harmônica de realização ingênua, em que o ser jamais atinge a sensação de solidão e isolamento. Até do ponto de vista *formal* a graça recusa a solidão, pois os movimentos ondulados por meio dos quais ela se objetiva exprimem uma receptividade para a vida, um elã aberto e receptor para as seduções e para o caráter pitoresco da existência. A graça representa um estado de ilusão em que a vida nega a si própria, transcendendo suas antinomias e sua dialética demoníaca, em que as contradições, o irreparável, a fatalidade e o irremediável desaparecem temporariamente, numa espécie de existência sublimada. Há muita sublimação na graça, muita pureza aérea, que porém jamais chega à grande purificação dos cumes em que o sublime se realiza. As experiências cotidianas e as formas comuns de existência jamais levam a vida até o ponto de conhecer a loucura extrema da tensão paroxística ou do redemoinho interior, assim como não realizam nenhuma emancipação de sob o peso, nem passam temporariamente por cima da força gravitacional, que pode por vezes constituir um símbolo da morte. A graça, por seu lado, representa uma "vitória sobre a pressão" das

cial, que jamais leva a tragédias esgotantes ou tensões perigosas. A mulher não arrisca nada no plano espiritual, pois nela o dualismo entre vida e espírito apresenta uma intensidade antinômica muito mais reduzida do que nos homens. A sensação graciosa da existência não leva a revelações metafísicas, a visões da realidade essencial, à perspectiva dos últimos instantes, que nos fazem viver, a cada momento da vida, como se não fôssemos mais viver. As mulheres são nulidades simpáticas. Quanto mais pensamos nelas, menos as entendemos. Trata-se de um processo análogo àquele que nos reduz ao silêncio quanto mais refletimos sobre a essência última do mundo. Neste caso, entretanto, ficamos petrificados diante de um Infinito indecifrável, ao passo que, no caso da mulher, sua nulidade parece um *mistério*, embora no fundo não passe de uma nulidade. Além da satisfação de necessidades sexuais, o único sentido da mulher no mundo parece-me ser o de dar a oportunidade ao homem de escapar temporariamente da pressão tormentosa do espírito. A mulher pode ser uma salvação provisória para aqueles que vivem nos cumes, pois, por ser extremamente pouco desintegrada da vida, o contato com ela significa um retorno às volúpias ingênuas e inconscientes da vida, à leve imaterialidade da graça, que, se não salvou o mundo, com certeza salvou as mulheres.

[VANIDADE DA COMPAIXÃO]

Como é possível não termos mais ideais enquanto ainda existem neste mundo cegos, surdos ou loucos? Como desfrutar da luz que o meu próximo não pode ver ou do som que ele não pode ouvir? Sinto-me responsável pelas trevas de todos e me considero um ladrão de luz. Não teremos nós todos roubado a luz daqueles que não veem ou o som daqueles que não ouvem? Não será a nossa lucidez responsável pelas trevas dos loucos? Não sei por que, mas sempre que penso em tais coisas, perco a

meu ver, não passa de palavras que constituem não só um vazio formal, mas sobretudo um vazio nas determinações concretas de conteúdo. Pois, diante do fato imediato, todos os princípios morais são tão nulos que nos perguntamos por que não seria mais aceitável uma vida sem critérios. Eu me apaixonaria por um mundo em que não existissem critérios, formas ou princípios, um mundo de extrema indeterminação. Pois, no nosso mundo, todos os critérios, formas e princípios são tão vagos que sua semipresença é mais exasperante que o mais terrível absolutismo normativo. Fico a imaginar um mundo de sonho e fantasia, banhado em luzes alaranjadas, onde não se falasse mais sobre bem ou mal, onde toda esta discussão em torno da validade das normas não tivesse mais sentido. Ademais, tendo-se em conta que a realidade é essencialmente irracional, que sentido há em buscar normas que delimitem o bem do mal, que sentido há em *distinguir* as coisas? A moral não pode ser salva e se enganam enormemente aqueles que afirmam que, diante da eternidade, ela ainda pode ser salva. O que eles dizem? Que no mundo triunfam temporariamente o prazer, as satisfações menores, o pecado etc., mas que diante da eternidade permanece apenas a boa ação, apenas a realização moral. O que sobrou dos prazeres deste mundo? Nada! Só a virtude triunfa. Depois de todas as misérias deste mundo, assistimos ao triunfo final do bem e à vitória definitiva da virtude. Só que eles não perceberam que a eternidade, ao engolir e anular todos os prazeres e satisfações superficiais, engole também tudo o que se chama virtude, boa ação, ação moral. A eternidade não leva ao triunfo do bem nem ao triunfo do mal, ela anula tudo. A condenação do epicurismo em nome da eternidade é um disparate. Posto que sofro, minha duração será maior do que aquele que se diverte? *Objetivamente*, que significado pode ter o fato de um se crispar em agonia, enquanto outro se entretém com uma mulher? Tanto o sofrimento quanto o prazer consomem-se subjetivamente nos respectivos indivíduos. Quer soframos ou não, seremos eterna e irremedia-

numa transcendência do tempo, eliminando a relação contínua entre um momento e outro. Torna-se necessária uma luta intensa e dramática contra o tempo, para que, uma vez ultrapassada a miragem da sucessão dos momentos, permaneça apenas a vivência exasperada do instante que nos alçará diretamente à eternidade. Como é que a vivência absoluta do momento permite um tal acesso à eternidade? A sensibilidade para o devir, para o tempo, é resultado de uma sensação da insuficiência dos momentos, da sua relatividade e de seu condicionamento. Quem possui uma consciência intensa da temporalidade vive cada momento pensando no próximo, na sucessão e na transformação. A eternidade, porém, só é acessível na eliminação das relações, por meio da vivência do instante de maneira absoluta. Em toda experiência de eternidade ocorrem um salto e uma transfiguração; exige-se uma tal tensão prévia para se chegar ao sereno apaziguamento gerado pela contemplação da eternidade, que poucos são capazes disso. Essa contemplação não é importante por sua duração, mas por sua intensidade. O retorno às vivências comuns não diminui em nada a fecundidade dessa intensa experiência. O que importa é a *frequência* de tais contemplações. Só através de repetidas experiências pode-se chegar à embriaguez da eternidade, ao estado de encantamento puro, em que as transfigurações se revestem de auréolas sublimes e imateriais, em que as volúpias têm algo de supraterrrestre, de uma transcendência luminosa e sedutora. Isolar o momento a partir da sucessão de momentos atribui-lhe um caráter absoluto; não de maneira objetiva, mas subjetiva. Um absoluto para a nossa sensibilidade, mas ao qual não se pode atribuir um elemento de irrealidade ou fantasia. Pois, da perspectiva da eternidade, o tempo, com toda a sua multiplicidade de momentos individuais, é, se não irreal, bastante irrelevante para as realidades essenciais.

Na eternidade, vivemos sem remorso e expectativa. Isso não significaria, na estrutura do momento vivido como tal, abandonar a relatividade do gosto e das categorias, ultrapassar a

HISTÓRIA E ETERNIDADE

Não entendo que sentido ainda pode haver em viver na história, partilhar os ideais de uma época, preocupar-me com o pensamento da cultura ou com problemas sociais. A cultura e a história me entediaram; é-me quase impossível continuar participando das angústias do mundo histórico, dos ideais e das aspirações temporais. É necessário ultrapassar a história. E só podemos ultrapassar a história quando o passado, o presente e o futuro não têm mais nenhuma importância para nós, quando nos é indiferente *quando e onde* vivemos. É maior minha vantagem por viver hoje, em vez de ter vivido no Egito de quatro mil anos atrás? Somos imbecis ao deplorarmos o destino daqueles que viveram em épocas que não nos convêm, que não conheceram o Cristianismo ou as invenções e as descobertas da ciência moderna. Se o tempo não fosse irreversível, eu não me arrependeria de viver em qualquer época da história, pois nenhuma é melhor que outra. Na ausência de uma hierarquia de atitudes e concepções de vida, todos e ninguém têm razão. Cada época histórica representa uma forma fechada de vida, que vive na convicção de sua validade definitiva, para que o dinamismo e a dialética da vida histórica alcancem outras formas, insuficientes e limitadas também elas, como tudo o que existe sob o sol. A história inteira me parece tão nula, que eu me assombro com a existência de pessoas que passam a vida toda dedicando-se apenas ao passado. Que interesse ainda pode existir na pesquisa dos ideais de épocas passadas, nas crenças das pessoas ou no estrebuchamento de um punhado de sifilíticos? A criação humana pode ser grandiosa, mas ela não me interessa nenhum pouco. Não encontro eu na contemplação da eternidade um apaziguamento maior? Não homem e história, mas homem e eternidade, eis uma relação aceitável neste mundo em que não vale a pena nem respirar. Ninguém nega a história por um capricho passageiro, mas sob a influência de uma grande tragédia que poucos

planta ou uma flor. Querer viver como uma planta, crescer enraizado, florescendo e ressequindo sob o sol, na mais plena inconsciência, desejar ser parte íntima da fecundidade da terra, expressão anônima do curso da vida, significa estar desesperado com as razões e o sentido da humanidade. E por que não trocar de lugar com uma planta? Já sei o que significa ser homem, ter ideais e viver na história. O que mais posso esperar de tais realidades? Com certeza é grande coisa ser homem; experimenta-se uma das mais graves tragédias, um drama quase monumental, pois ser homem significa viver numa ordem de existência completamente nova, mais complicada e mais dramática que a da natureza. Ao descer da condição de homem para a de natureza inanimada, a intensidade do fenômeno dramático diminui aos poucos, até se tornar nula. O homem tende cada vez mais a arrogar o monopólio do drama e o do sofrimento do mundo. Por isso, a redenção é para ele um problema tão ardente e insolúvel. Não posso me orgulhar de ser homem, pois vivi esse fenômeno profundamente. Só quem não viveu com grande intensidade esse fenômeno ainda pode se orgulhar de ser homem, pois ele *tende* a se tornar homem. Assim, seu encantamento é normal. Há pessoas ainda longe de ultrapassar a forma de existência animal ou vegetal. É natural que elas desejem e admirem o fenômeno humano. Mas quem sabe o que significa ser homem procura se tornar qualquer coisa, exceto homem. Se fosse possível, eu me transformaria todo dia numa determinada forma de vida animal ou vegetal. Seria sucessivamente todas as formas de plantas, erva daninha, espinheiro, rosa, árvore tropical de galhos retorcidos, alga marinha agitada pelas ondas, vegetação montanhosa à mercê do vento; seria ave de canto melodioso ou ave crocitante e de rapina, migratória ou sedentária, seria animal silvestre ou doméstico. Viveria todas as espécies com um frenesi selvagem e inconsciente, percorreria o espectro todo da natureza, trocaria de forma com a leveza de uma graça ingênua, sem teatro, justamente como num processo natural. Como eu gostaria de me aventurar

por ninhos, por grutas, por solidões de mar e montanha, por colinas e planícies! Só essa aventura cósmica, vivida no interior substancial da vida, em sua intimidade orgânica, acompanhando o arabesco das formas vitais e o pitoresco ingênuo das plantas, poderia ainda me despertar o gosto de voltar a ser homem. Pois, se a diferença entre homem e animal reside no fato de o animal não poder ser nada além de animal, enquanto o homem pode ser *não homem*, ou seja, outra coisa que não ele mesmo — então eu sou um não homem.

MAGIA E FATALIDADE

Tenho dificuldade de imaginar a alegria das pessoas de sensibilidade mágica, daquelas pessoas que sentem ser capazes de tudo, a quem nenhuma resistência é demasiado grande e nenhum obstáculo intransponível. [A magia supõe uma comunhão tão estreita com a vida, que toda manifestação subjetiva se reduz a uma expressão da pulsação total da vida.] Nela se concentra toda a plenitude da integração no fluxo vital, toda a exuberância da ação no sentido e na direção imanente desta vida. A sensibilidade mágica só pode levar à alegria, pois para ela o irremediável, o irreduzível e o fatal não existem como elementos da estrutura interna da existência. Sentir que podemos tudo, que o absoluto está nas nossas mãos, que a nossa exuberância é a exuberância deste mundo, que o ritmo universal palpita frenético e intenso dentro de nós, que nós somos o mundo, que a existência é inconcebível se não passar por nós, encontrar o sentido do mundo, atualizado a cada instante em sua mais plena expressão — tudo isso com certeza significa atingir uma forma de alegria difícil de imaginar, monopólio daqueles que detêm a sensibilidade mágica. Para a magia não há doenças ou, se houver, a visão mágica as concebe como remediáveis, de modo que o seu caráter irreduzível desaparece. O otimismo mágico vê tudo em relações de equivalência; por isso, para ele, toda tentativa de individualização da doença e

de aplicação de um tratamento específico é ilusória. A magia contesta e nega tudo o que é negativo na vida, tudo o que é essência demoníaca na dialética da vida. Ter sensibilidade mágica significa nada compreender das grandes realidades dolorosas, nada compreender daquilo que a vida apresenta como irremediável e fatal, como a miséria, o destino e a morte. As ilusões da magia rejeitam o caráter *irreparável* do mundo, negam a morte como realidade fatal e universal. Subjetivamente, esse fenômeno se torna importantíssimo por criar no homem um estado de beatitude e de exaltação eufórica, fazendo-o viver como se jamais morresse. Ora, todo o problema da morte se reduz à consciência subjetiva da morte. Para quem não tem essa consciência, o fato de que adentrará no Nada através da morte não tem importância alguma. Perceber permanentemente a morte é compreender o paroxismo da consciência. Na magia, a consciência não conquistou aquela autonomia de vida que a imbuí de uma força centrífuga, mantendo porém um caráter vital.

Quem tem a consciência da fatalidade é infinitamente mais complexo. Para ele, que sente como às vezes seu esforço é nulo, e o remorso impossível, que entende que a fatalidade constitui o aspecto essencial do universo, no mundo só existe o insolúvel, o irreparável e o irremediável. Todas as realidades essenciais se desenrolam sob o signo da fatalidade, que se baseia na incapacidade da vida em ultrapassar suas próprias condições e limites imanentes. A magia realiza algo efetivo em coisas insignificantes, em leves aspectos carentes de um caráter essencial e monumental, porém é nula diante das realidades de ordem metafísica, nas quais se exige, na maior parte das vezes, silêncio — do que a sensibilidade mágica é incapaz. Viver com a forte consciência da fatalidade, da impossibilidade e da incapacidade diante das grandes questões que não podem ser feitas senão num comprometimento dramático com a existência, é experimentar subjetivamente o ponto de interrogação que domina este mundo

vivamos, de maneira absoluta, o paroxismo do nosso drama interior. Não nos resta senão a tensão suprema, após o que apenas um vestígio de fumaça ainda será visível... Pois o fogo de dentro de nós devastará tudo. A alegria não precisa ser justificada, pois ela é um estado tão puro e generoso, que qualquer elogio é inútil. É inútil justificá-la até mesmo diante dos desesperançosos: pois, se eles forem organicamente desesperançosos, a alegria será uma impossibilidade; se não forem organicamente desesperançosos, a alegria poderá lhes oferecer seduções em quantidade suficiente para tornar inútil qualquer justificação. Existe mil vezes mais complexidade no desespero absoluto do que na alegria absoluta. Talvez por isso os portões do paraíso sejam demasiado estreitos para quem perdeu a esperança...

[AMBIGUIDADE DO SOFRIMENTO]

Não há absolutamente ninguém que, no fundo de sua alma, não tenha um remorso — por mais pálido e indeciso que seja — por ter escapado de uma dor ou de uma doença. É impossível que quem sofra intensa e prolongadamente, embora deseje recobrar a saúde, não pense numa perda fatal causada por seu provável restabelecimento. Quando a dor faz parte do nosso ser, é impossível que sua eventual superação não equivalha a uma perda, assim como é impossível que não provoque um remorso. O que de melhor tenho em mim devo ao sofrimento; mas também a ele devo tudo o que perdi na vida. Por isso, o sofrimento não pode ser amaldiçoado nem amado. Nutro por ele um determinado sentimento, difícil de definir, estranho e imperceptível, de um encanto análogo à luz crepuscular. A beatitude no sofrimento é mera ilusão, pois o prazer artificial do sofrimento é resultado da necessidade de encontrar uma reconciliação com a fatalidade da dor, a fim de não nos deixarmos destruir completamente. As últimas reservas de vida fervilham nessa ilusória beatitude. A única anuência oferecida ao sofrimento é aquela

pode suceder além da redução ao Nada? Estou insatisfeito com tudo. Mesmo se eu fosse eleito Deus deste mundo, eu pediria demissão imediatamente e, se o mundo inteiro se resumisse a mim mesmo, se o mundo inteiro fosse eu, eu me dispersaria em pedacinhos até desaparecer... Como é que ainda posso sofrer acessos em que tenho a impressão de entender tudo?!

ENTUSIASMO COMO FORMA DE AMOR

Há pessoas cuja vida se realiza sob formas de uma pureza e de uma limpidez difíceis de imaginar para quem vive preso a contradições dolorosas e impulsos caóticos. Passar por conflitos interiores, consumir-se num dramatismo íntimo e viver seu próprio destino sob o signo do irremediável equivale a viver em regiões em que qualquer pureza ou limpidez se torna ilusória. Quem vive num crescimento sem obstáculos, num ritmo desprovido de dramatismo, atinge um estado de satisfação e encantamento em que os aspectos do mundo se apresentam plenos de luz e fascínio. E não seria entusiasmo aquele estado que reveste os aspectos do mundo com um brilho cheio de seduções e alegrias? Descrever o entusiasmo significa sublinhar uma forma totalmente especial de amor, significa individualizar uma maneira de abandono do homem no mundo. O amor tem tantas facetas, tantos desvios e tantas formas, que é bastante difícil encontrar um núcleo central ou uma forma típica de amor. É um problema essencial de toda erótica identificar a manifestação original do amor, como ele se realiza primordialmente. Fala-se do amor entre os sexos, do amor pela Divindade, do amor pela natureza ou pela arte, do entusiasmo como forma de amor etc. Qual seria, dentre essas manifestações, a mais orgânica, primordial e estrutural? Tem que existir uma, diante da qual todas as outras dependam ou mesmo derivem. Não concebo a multiplicidade das formas eróticas sem a irradiação, sem a fosforescência e o calor central de uma só que, ao feitio de um sol, propaga seus

agitação e devotamento. A alegria da realização e o êxtase do efetivo são as notas desse homem, para quem a vida é um elã cuja fluidez do vital, cujo impulso imaterial é a única coisa que importa, é o que alça a vida a alturas onde as forças destrutivas perdem seu vigor e negatividade. Cada um de nós somos acometidos por estados de entusiasmo, raros demais, porém, para nos definir. Falamos aqui daquelas pessoas em quem o entusiasmo predomina, cuja frequência é tão alta a ponto de constituir a nota específica de uma individualidade. O entusiasta desconhece derrotas, pois ele não está interessado em objetos, mas na iniciativa e na volúpia da ação como tal. Ele não se lança a uma ação por ter refletido sobre sua utilidade ou sentido, mas porque não pode fazer de outra maneira. Sucessos ou fracassos, se não lhe são indiferentes, com certeza não o estimulam nem o desencorajam. O último dos homens a fracassar neste mundo é o entusiasta. A vida é muito mais medíocre e fragmentária, em essência, do que as pessoas suspeitam. Não seria esta a explicação do fato por que decaímos todos, por que perdemos o frescor de nossas pulsações interiores e nos encapsulamos, cristalizando-nos em prejuízo da produtividade e do dinamismo interior? A perda da fluidez vital e desbordante destrói a nossa receptividade e nossa capacidade de abraçar a vida com elã e generosidade. O entusiasta é o único que se mantém vivo até a velhice. Todos os outros, se não nasceram mortos, como a maioria das pessoas, morrem antes do tempo. São tão raros os verdadeiros entusiastas! É difícil imaginarmos um mundo em que todos amassem tudo. Um mundo de entusiastas oferece uma imagem mais sedutora do que a imagem do paraíso, pois a tensão sublime e a generosidade radical ultrapassam qualquer visão paradisíaca. A capacidade de renascimento contínuo, de transfiguração e intensificação da vida faz do entusiasta uma pessoa permanentemente além das tentações demoníacas, do medo do Vazio e do suplício da agonia. A vida do entusiasta desconhece o trágico, pois o entusiasmo é a única expressão de vida completamente opaca para o fenômeno

os sexos, mas de canalizá-lo naquele abandono desinteressado, que transforma todo entusiasta numa criatura pura e inacessível. Isso talvez pelo fato de seu amor ter um acesso tão grande. Dentre todas as formas do amor, o entusiasmo é o mais isento de sexualidade, muito mais purificado que o amor místico, que é absolutamente incapaz de se libertar da simbólica sexual ou do culto naturista, em que se apresentam, aliás, tantos elementos daquela simbólica. Por esse motivo, falta no entusiasmo a inquietude e o caráter vago que fazem da sexualidade um elemento determinante da tragédia humana. O entusiasta é uma criatura eminentemente não problemática. Ele é capaz de compreender muitas coisas, sem conhecer porém as incertezas dolorosas e a sensibilidade caótica do espírito problemático. Refletir significa perder-se, pois os espíritos problemáticos não podem resolver nada porque não gostam de nada. Ademais, onde estaria neles aquela capacidade de se abandonar a qualquer coisa, onde estaria aquela atualidade permanente e total, que nos faz a cada momento nos abirmos para tudo e, finalmente, onde está a irracionalidade ingênua do entusiasmo? O mito bíblico do pecado como conhecimento é o mais profundo mito inventado pela humanidade. A euforia dos entusiastas deve-se justamente à sua ignorância da tragédia do conhecimento. Mas por que não dizê-lo? *O verdadeiro conhecimento confunde-se com as trevas.* Eu renunciaria a qualquer momento a todos os problemas deste mundo, que não levam a nada, por uma ingenuidade doce e inconsciente. *O espírito não eleva, dilacera.* No entusiasmo, como no caso da graça ou na magia, o espírito não se separou da vida, não representa um elemento de antinomia no mundo. Na indivisão primordial reside o segredo da felicidade, pois ela mantém a unidade inseparável numa convergência orgânica. Ser entusiasta significa ser incapaz de qualquer tipo de dualismo. E qualquer tipo de dualismo é um veneno. Em geral, a vida só se mantém fecunda e produtiva por meio de tensões e antinomias que representam um princípio de luta e de tensão agônica. O

entre seu poder de fascínio, de dominação, e sua imaterialidade. Há um demonismo tão curioso em toda exaltação extática! E como deixarmos de atribuir um caráter absoluto à luz e às trevas, quando, desse mundo em êxtase, nada mais sobra além delas? A simples constatação da alternância exterior de ambos os aspectos jamais poderá levar a uma tal absolutização. A frequência dos estados extáticos, no Oriente e na mística de todos os tempos, é capaz de confirmar nossa suposição. Ninguém encontra um absoluto do lado fora, mas só do lado de dentro. Ora, o êxtase, esse paroxismo da interioridade, só revela cintilações e sombras internas. Diante de suas cores, o dia e a noite perdem sua expressividade e graça naturais. Os estados extáticos atingem uma tal essencialidade que o seu acesso a zonas profundas da existência produz uma impressão de ofuscamento e alucinação metafísica. O êxtase só abrange essências puras e, portanto, imateriais. Sua imaterialidade, porém, produz vertigens e obsessões das quais não podemos escapar a não ser convertendo-as em princípios metafísicos.

RENÚNCIA

Após conhecer a velhice, a dor e a morte, concluímos que o prazer é uma ilusão, que todas as pessoas que passam o tempo a divertir-se nada entendem da instabilidade das coisas, tornando-se vítimas das maiores ilusões. Então fugimos do mundo, convencidos da efemeridade da beleza e de todos os esplendores. E declaramos: só vou retornar depois de escapar do nascimento, da velhice e da morte.

Em toda renúncia há muito orgulho e sofrimento. Em vez de nos retirarmos com a maior discrição, sem ódios e revoltas, declaramos, patética e descaradamente, a ignorância e a ilusão dos outros, condenamos o prazer e todas as volúpias em que vivem as pessoas. Todos os que renunciaram e passaram a se devotar a práticas ascéticas, vivendo isolados, fizeram-no convencidos de

inquietação, desconhece os horrendos prenúncios da renúncia, resultados de uma dor prolongada.

* Mas como renunciar? Para onde irmos a fim de não renunciarmos de uma vez, embora só esse tipo de renúncia tenha valor? No meio e clima ordinários, não temos mais a vantagem do deserto exterior, mas apenas a do interior. Não dispomos mais do âmbito para renunciar. Impossibilitados de estar livres debaixo do sol, sem outro pensamento além do da eternidade, como nos tornar santos abrigados sob um teto? Trata-se de um drama especificamente moderno o de não poder renunciar a não ser pelo suicídio. Mas, se o nosso deserto interior pudesse se materializar, sua imensidão não acabaria por nos esmagar?

Por que não estouro, por que não me dissipo em pedaços, por que não jorro como uma nascente nas montanhas? Não haveria em mim energia suficiente para fazer este mundo estremecer, não haveria em mim loucura suficiente para fazer desaparecer qualquer vestígio de lucidez? Não seria minha única alegria a alegria do caos e não seria o meu prazer o impulso que me desmorona? Não seriam minhas elevações as minhas quedas e não seria minha explosão o meu amor? Será que não posso amar sem destruir-me? Como pode haver no meu amor tanta inquietação, tanto temor e insegurança? Devo fechar-me completamente para os estados de pureza? Existiria tanto veneno no meu amor? Devo me abandonar completamente a todos os estados, não devo mais pensar neles, devo vivê-los no maior dos excessos? Não terei lutado, não tenho lutado o bastante com a morte? Por que então merecer Eros como inimigo? Por que tenho tanto medo quando o amor renasce dentro de mim, por que tenho ganas de engolir o mundo inteiro a fim de deter o aumento do amor? Minha desgraça é a de querer ser enganado no amor para ter motivos a mais de sofrimento. É só no amor que podemos avaliar melhor

própria morte, sem deixar de ser grotesca, se manifesta numa universalidade noturna, cuja impalpável transparência, embora fruto da ilusão, não é menos musical. Mas a tristeza dessa noite universal é exatamente como a tristeza da música oriental, em que o mistério da morte predomina sobre o mistério do amor.

[TRANSUBSTANCIAÇÃO DO AMOR]

Assim como, na elucidação do nascimento do amor, o fenômeno da irracionalidade ("o amor é cego") é revelador, da mesma maneira, na *sensação* de amor, o fenômeno da *fusão* não é menos revelador e significativo. O amor é uma forma de comunhão e intimidade. Ora, o que pode melhor expressar essa forma do que o fenômeno subjetivo da fusão, do desmoronamento de todas as barreiras da individuação? Fundir-se de amor significa experimentar um arrepio orgânico, que reduz toda a vida do nosso interior a uma mera pulsação, a uma tremulação difícil de definir. Com que o amor nos põe em contato? Não constituiria ele o absoluto ao mesmo tempo universal e específico? O paradoxo do amor não seria atingir uma vagueza geral, embora se oriente na direção de uma única criatura? A mais profunda comunhão só se realiza por intermédio do individual. Amo uma criatura; mas por ela ser símbolo do Tudo, participo ontologicamente do Tudo e da essência, de maneira inconsciente e ingênua. A participação universal do amor exige a especificação do objeto; pois não é possível existir um acesso total sem o acesso absoluto de uma criatura individual. A exaltação e a vagueza no amor brotam de um pressentimento e de uma presença irrefletida e irracional, na alma, da vida em geral que cresce dentro de nós até o paroxismo. Todo amor genuíno representa um cume cuja sexualidade em nada o diminui. Não atinge também a sexualidade seus próprios cumes? Não se atinge nela um paroxismo único, extático para além de qualquer limite? Entretanto, curioso fenômeno do amor é o de deslocar a sexualidade do centro da

paralisam de tal modo o eã do amor, que começamos a nos perguntar se a tristeza não seria um reflexo da morte, assim como o amor é um reflexo da vida. Aquela sensação de pressão interna, quando nos sentimos recolhidos dentro de nós mesmos, como se o cérebro estivesse sendo espremido e o corpo apertado por cilindros internos, quando qualquer ímpeto se extingue à voz vaga e obscura de chamados provenientes de profundezas negras e esmagadoras, transforma a tristeza num veneno que, pingando sobre o amor, acaba por turvá-lo e anestesiá-lo. O amor é, em essência, aberto como uma flor de primavera. Não fecharia o frio da tristeza as pétalas dessa flor? Às vezes o amor vence, outras vezes, a tristeza; certas vezes se misturam num amálgama complexo, gerando um estado de desassossego, quando tanto a vida quanto a morte reivindicam cada uma os seus direitos. Como as tristezas atacam as raízes de Eros! E por que é que entristecer é tão sinistro? Sou demasiado triste para ter nascido para o amor!

[HOMEM, ANIMAL INSONE]

Quem disse que o sono equivale à esperança intuiu admiravelmente a assustadora importância do sono, bem como a da insônia. A insônia representa uma realidade tão colossal, que me pergunto se o homem não seria um animal inapto para dormir. Por que chamar o homem de animal racional, se encontramos tanta razão em certos animais? Não existe, porém, em todo o espectro da vida animal, além do homem, um só animal que *queira* dormir e não possa. O sono nos faz esquecer o drama da nossa vida, suas complicações e as obsessões, de maneira que cada despertar é um novo início de vida, uma nova esperança. A vida conserva, assim, uma prazerosa descontinuidade que dá a impressão de uma contínua regeneração, de um permanente renascer. A insônia, por outro lado, gera uma sensação de agonia, uma tristeza eterna e irremediável, um desespero absoluto. Para o homem saudável, ou seja, para um animal, preocupar-se com

não crio asas? Não haveria em meu desejo de voo uma fuga da existência? E, nesse voo, eu não fugiria com toda a existência, com tudo o que é ser? Sinto em mim tanta fluidez, que me surpreendo como não derreto e escorro. Queria que o meu ser se transformasse num rio caudaloso de águas turvas, que levasse o meu nome e que corresse como uma ameaça apocalíptica. Será que essa água apagará o meu fogo, será que o meu fogo fará evaporar essa água? Em mim há só centelhas e vapores, enches de fogo e incêndios de água.

* Há em mim tanta confusão, balbúrdia e caos, que não sei como uma alma humana pode suportar. Pode-se encontrar em mim de tudo, absolutamente tudo. Sou uma criatura residual do início do mundo, em que os elementos não se cristalizaram e em que o caos primordial ainda pulsa com desvario e agitação. Sou a contradição absoluta, o paroxismo das antinomias e o limite das tensões; em mim tudo é possível, pois sou eu o homem que rirá no momento supremo, diante do Nada absoluto, na agonia final, no momento da tristeza última.

[O ABSOLUTO DO INSTANTE]

Só se pode anular o tempo por meio da vivência absoluta no momento, no abandono total às seduções do instante. Atingimos então o *presente eterno*, que não passa de uma sensação de presença eterna das coisas. Não nos incomodemos com o tempo, com o devir e com nada. O presente eterno é *existência*, pois só em sua vivência integral a existência adquire positividade e evidência. O presente, retirado subjetivamente da sucessão dos momentos, é o devir, é a superação do Nada, que só pode aparecer onde a temporalidade se torna constitutiva para a existência. A temporalidade da existência introduz um elemento de vazio

sua carne e com seu sangue. Deveriam ser declaradas nulas todas as verdades dessa gente ressequida, que pensa sem esperma no cérebro, sem angústia e sem desespero. Respeito apenas as verdades vitais, orgânicas e espermáticas, pois sei que não existe *verdade*, mas apenas verdades vivas, frutos de nossa inquietude. Não há argumentos decisivos contra quem pensa com vivacidade. E mesmo que houvesse, eles só poderiam ser derrubados por desgaste. Só posso lamentar que ainda exista gente que esteja em busca da *verdade*. Ou será que os sábios até hoje não entenderam que a verdade *não tem como existir*?

A BELEZA DAS CHAMAS

O encanto das chamas é o de conquistar por meio de uma brincadeira bizarra, uma brincadeira para além da harmonia, da proporção e da medida. O ímpeto impalpável das chamas não simbolizaria a graça e a tragédia, a ingenuidade e o desespero, a volúpia e a tristeza? Não residem em sua transparência devoradora, em sua imaterialidade ardente, a leveza e o voo gerado pelas grandes purificações, pelos grandes incêndios íntimos? Quero ser alçado pelo elã e pela transcendência das chamas, ser sacudido por seu impulso delicado e insinuante, flutuar num oceano de chamas, consumir-me numa morte etérica, numa morte onírica. A estranha beleza das chamas oferece a ilusão de uma morte sublime, de uma morte pura, semelhante à aurora. Não é sintomático falarmos sobre a morte em chamas somente no caso de criaturas aladas, leves e graciosas? Vemos a morte em chamas como uma queima de asas, uma morte imaterial. Será que só as mariposas morrem em chamas? Mas e os que morrem de suas próprias chamas?

A verdadeira mulher é aquela cuja presença nos faz esquecer os problemas, as ideias, as inquietudes universais e as angústias

sendo-lhe inacessíveis os valores superpostos ou desviados daqueles valores vitais. Gosto da mulher porque, ao seu lado, paro de pensar e posso plenamente realizar, por um curto período, a experiência do irracional. Junto de uma mulher, esquecemos que sofremos por causa do espírito, atravessamos as torturantes dualidades e retornamos a um fundo original de vida, a conteúdos primordiais e indivisíveis, derivados, como expressões orgânicas, da essência irracional da vida. Para os cavaleiros do Vazio, o contato com a mulher só pode constituir um caminho que, se não leva à salvação, com certeza gera um consenso temporário, um esquecimento reconfortante. A graça feminina tempera a tragédia masculina.

[POBREZA DA SABEDORIA]

Detesto os sábios por seu comodismo, seu medo e sua reserva. Amo infinitamente mais os homens dominados por grandes paixões que os devoram até a morte, do que a monótona disposição dos sábios, que os torna insensíveis tanto ao prazer quanto à dor. O sábio desconhece o caráter trágico da paixão, desconhece o medo da morte, assim como ignora o impulso e o risco, o heroísmo bárbaro, grotesco ou sublime. Sua alma gélida não vibra. Ele fala por meio de máximas e distribui conselhos. Seu aspecto superior e transcendental o torna incapaz de tragédias, de dramatismo infinito ou de exaltação heroica. O sábio nada vive e nada sente, nada deseja e nada espera. Ao estabelecer todos os conteúdos da vida numa equivalência, ele arca com todas as consequências dessa anulação. Parece-me porém tão complexa uma existência que, estabelecendo essa equivalência, não cessa contudo de se agitar, no limite, em determinados conteúdos. A existência do sábio é estéril e vazia, pois é completamente desprovida de elementos contraditórios, antinomias e desesperanças; ele desconhece a tragicidade das grandes paixões. São infinitamente mais fecundas as existências

do caos primordial. Quero que existam dentro de mim promessas de forma, mas que nenhuma se realize efetivamente. Que tudo vibre ao som de uma inquietude universal dos primórdios, fazendo-nos despertar do Nada.

Só posso viver no início ou no fim do mundo.

IRONIA E AUTOIRONIA

Ao termos negado tudo, freneticamente, e aniquilado radicalmente todas as formas de existência, sem resistir aos impulsos e aos excessos de negatividade, em quem ainda podemos ter esperança a não ser em nós mesmos, de quem podemos rir ou chorar, além de nós mesmos? Depois de o mundo inteiro desmoronar diante de nossos olhos, irremediavelmente também nós despencamos. O caráter ilimitado da ironia anula todos os conteúdos da vida. Não me refiro à ironia elegante, inteligente e fina, nascida a partir de um sentimento de superioridade ou orgulho fácil, à ironia por meio da qual há quem confesse enfaticamente sua distância perante o mundo, mas à ironia trágica, à ironia infinitamente amarga, à ironia que brota do desespero. A única ironia verdadeira é a que substitui uma lágrima ou uma crispação, se não um sorriso grotesco e criminoso. Existe uma grande diferença entre a ironia das pessoas que sofreram e a ironia dos superficiais e comodistas. Pois, no primeiro caso, ela indica uma impossibilidade de participação ingênua na vida, devido à perda definitiva de valores vitais, enquanto no segundo caso essa impossibilidade de participação não se reflete dolorosamente na consciência, pois inexistente a sensação de perda irreparável. A ironia reflete uma crispação interna, um aprofundamento de rugas, uma falta de espontaneidade e de amor, de comunhão e compreensão humana! Ela equivale a um desprezo velado, à transfiguração de uma realidade e de certas debilidades. A ironia desdenha o gesto ingênuo e espontâneo, pois o estado irônico se encontra além do irracional e do ingênuo. Nutre-se,

o abandono absoluto. Como se estivéssemos diante de ruínas, diante da miséria somos tomados pela tristeza ao perceber o vácuo de humanidade, ao perceber que as pessoas essencialmente não mudam o que elas poderiam mudar. Essa sensação se mistura à da imanência e eternidade da miséria, à do seu caráter inelutável e fatal, sempre que houver vida humana. Embora saibamos que o homem seja capaz de acabar com a miséria, damos-nos conta porém da sua permanência, o que gera uma rara sensação de inquietude amarga, um estado de espírito paradoxal e turvo em que o homem se apresenta em sua plena inconsistência e pequenez. A miséria objetiva da vida social não passa de um pálido reflexo de sua infinita miséria interior. Ao pensar na miséria, perco todo o apetite de viver. Eu deveria arremessar a caneta e me enfiar numa choupana, onde o apoio à pobreza significaria mais humanidade efetiva do que um livro, que só é capaz de envenenar ainda mais este mundo solitário e desgraçado. Sou tomado por uma desesperança mortal ao pensar na horrenda miséria do homem, em sua podridão e em sua gangrena. Esse animal racional — imagine se não fosse! — põe-se a construir, a teorizar, apaixona-se por ideologias diante da miséria, em vez de se despojar de todos os seus pertences, num gesto de suprema compreensão e profunda comunhão. Embora não se possa intervir na existência de ninguém e embora não possamos retirar ninguém efetivamente da solidão da dor, a passividade é contudo criminosa, assim como é criminosa a compaixão aproximativa, assim como é a compaixão de todas as pessoas. A presença da miséria no mundo compromete o homem muito mais do que qualquer outra coisa, além de explicar por que a megalomania desse animal deverá ter um fim catastrófico. Ao notar a miséria, envergonho-me até do fato de existir música — que, em semelhante contexto, se torna fria e inexpressiva. A essência da vida social é a injustiça. Portanto, como aderir a uma doutrina social e política?

A miséria, com sua face enauseante, repulsiva, spectral,

o destino do mais anônimo dos homens e, se pudesse, teria se retirado para o canto mais obscuro do universo, onde ninguém viria mais lhe pedir esperança ou redenção. Quando ficou sozinho com os soldados romanos, certamente lhes pediu que o tirassem dali, que retirassem os pregos para que ele pudesse fugir para longe o suficiente para não ouvir mais o eco do sofrimento da humanidade. Não que Jesus de repente houvesse cessado de acreditar em sua missão e em suas ideias — ele era por demais iluminado para ser um cético — mas morrer *pelos outros* é muito mais difícil do que a própria morte, do que a consumação do próprio destino pessoal. Jesus suportou a crucifixão, consciente de que só o seu próprio sacrifício faria suas ideias triunfar.

Assim exige a humanidade: para que acredite em nós, devemos renunciar a tudo o que é nosso e, em seguida, a nós mesmos. A humanidade é ruim e criminosa; ela quer que morramos para garantir a autenticidade da nossa fé. Por que ela admira escritos nascidos de um contínuo sangramento? Porque aqueles textos a poupam de sofrer ou lhe dão a ilusão do sofrimento. A humanidade quer encontrar sangue e lágrimas atrás das palavras para que, a partir de sua própria mediocridade e satisfação, nós lhe apresentemos um destino singular e digno de admiração. A admiração da plebe é plena de sadismo.

Se Jesus não houvesse morrido na cruz, o Cristianismo jamais teria triunfado. A humanidade duvida, com razão, diante de tudo, exceto perante a morte. **I** Ora, a morte de Jesus constituiu a certeza suprema, a suprema crença na validade dos princípios do Cristianismo. **J** Cristo poderia muito bem ter fugido diante da ameaça de crucifixão — ou poderia ter cedido a admiráveis tentações do diabo, que simbolicamente exprime as tentações da vida. Quem não compactua com o diabo não tem por que viver, pois ele exprime simbolicamente, melhor do que Deus, a essência da vida. É uma lástima que o diabo tenha me tentado tão raramente... Mas nem Deus me amou. Até agora os cristãos não entenderam que Deus está mais longe dos homens

Talvez nem todos os filhos de Deus viessem a morrer na cruz,
numa morte geométrica e vertical!

O CULTO DO INFINITO

Não posso falar do Infinito sem experimentar um turbilhão interior e outro exterior. É como se, a partir de uma existência ordenada, cheia de leis e formas, eu saltasse num turbilhão de ondulações desiguais e caprichosas que evoluem, num piscar de olhos, pela imensidade. A evolução dessa linha sinuosa se desenrola na direção de um ponto eternamente inacessível. Quanto mais esse ponto de chegada se desloca para uma distância inconcebível e indefinida, mais parece crescer a intensidade do turbilhão. Suas curvas e ondulações nada têm da leveza da graça, descrevendo linhas complicadas como chamadas cósmicas. Uma trepidação universal chacoalha tudo como num inferno. O mundo inteiro parece se mover num ritmo acelerado e tresloucado, como se o apocalipse se aproximasse. Não há sensação profunda de Infinito sem a estranha sensação da proximidade vertiginosa do fim cósmico, do fim universal. O paradoxo do Infinito reside no fato de nos dar essa sensação de proximidade do fim absoluto e de ao mesmo tempo tornar impossível essa proximidade. O Infinito não leva a nada, seja ele espacial ou temporal. A infinidade é desconcertante, seja no passado ou no futuro. O que devemos realizar no futuro, se temos toda uma eternidade atrás de nós em que foi possível realizar qualquer coisa? Como pode o futuro revelar algo que uma infinidade passada não foi capaz de revelar? Se o mundo tivesse um sentido, até agora ele já teria se revelado e nós o teríamos descoberto. Como posso conceber que esse sentido virá a se manifestar no futuro se até agora ele *deveria* ter-se apresentado? O mundo não tem sentido algum não só porque é irracional em essência, mas também porque é infinito. O *sentido* é concebível apenas num mundo finito, em que podemos *chegar* a alguma coisa, onde há limites

mínimos gestos, tudo o que é insignificante e fortuito. Diante do Infinito, até as dores parecem menores.

Após termos perdido todas as esperanças, que bom ainda podermos nos arremessar no Infinito, termos o direito a um salto radical no ilimitado, podermos participar da anarquia universal, das tensões desse turbilhão. Atravessemos até a exaustão, amarrados à sua evolução, todo o desvario desse movimento incessante, consumamo-nos num impulso do mais intenso dramatismo, pensando menos na morte do que na nossa infinita loucura, realizemos até o paroxismo um sonho de barbárie cósmica e de exaltação ilimitada, flutuemos pelo espaço sem outro objetivo senão o desse dinamismo absoluto.

Que a nossa queda das garras desse turbilhão não se pareça com uma extinção paulatina, mas que continuemos nessa agonia com o caos do turbilhão primordial. Que todo o *pathos* e o dramatismo do Infinito nos abarque mais uma vez no momento solitário da morte, para que a passagem para o nada se pareça com uma iluminação que venha a amplificar ainda mais o mistério e o *nonsense* do mundo. Há, na surpreendente complexidade do Infinito, como elemento constitutivo, a negação categórica da *forma*, do plano fechado e determinado. Sendo o Infinito uma *progressividade absoluta*, é fatal que acabe anulando tudo o que tem consistência finita e cristalização formal. É revelador o fato de que a arte que melhor exprime o Infinito, a música, é a que consegue fundir as formas na fluidez de uma estranha e inefável graça. A *forma* tende sempre a dar um caráter absoluto ao que é fragmentário, isolá-lo numa autonomia e, individualizando os conteúdos, eliminar a perspectiva do universal e do Infinito. As formas do mundo só existem para subtrair os conteúdos da existência do caos e da anarquia do turbilhão infinito. O fato de as formas terem uma consistência ilusória diante desse turbilhão é demonstrado por qualquer visão mais profunda, pois, para além de efêmeras cristalizações, a verdadeira realidade deixa-se revelar como palpitação e pulsação dentre as mais tensas. A

chegarmos à zona vital da qual ele brota? Todos nós temos mãos, mas ninguém pensa em cultivá-las, em atingir uma expressividade absoluta por meio de sua delicadeza, de suas nuances ou de sua posição. Gostamos de admirá-las na pintura, de falar de seu significado, somos porém incapazes de lhes dar expressão em nossa própria pessoa, de fazer com que elas interpretem nossa agitação íntima. Uma mão fantasmagórica, uma mão transparente como um reflexo imaterial, uma mão nervosa, tensa até a última crispação. Ou então uma mão pesada, ameaçadora, dura e repugnante. Que a presença e o aspecto das mãos sejam mais que um discurso, mais que um pranto, um sorriso ou uma prece. As mãos podem ter olhos, olhos que olham para dentro. A expressividade absoluta, fruto de contínua transfiguração, de uma incessante transformação interna com chamas inextinguíveis e ondulações agitadas, com vibrações infinitas e pulsações irresistíveis, fará da nossa presença um centro de irradiação mais poderoso que o sol. E não só as mãos, mas também o rosto, e tudo o que nos individualiza deverá atingir essa forma de expressividade, em que tudo o que é específico ao nosso ser se aprofunda para além dos limites. Há criaturas cuja simples presença causa, nos outros, exaustão, cansaço profundo ou iluminação. De qualquer modo, sua presença é fecunda, decisiva, por espalhar uma fluidez imperceptível que nos assimila e nos cinge como garras imateriais. Para esse tipo de gente não há vazios, vácuos ou discontinuidades, mas comunhão, participação, produtos daquela incessante transfiguração em que os cumes não são meras vertigens, mas volúpias. É necessário, porém, tanta angústia, tanta energia de interiorização para conseguirmos nos exteriorizar numa presença decisiva, que as luzes da transfiguração podem nos queimar e destruir irremediavelmente. Mas não seria suprema a transfiguração, nessa morte de luz e fogo?

Sinto uma estranha inquietude insinuando-se por todo o

poder viver diretamente, não ser capaz de um gesto imanente de vida, de uma ação associada ao fluxo da vida numa participação orgânica. A tristeza, assim como o sofrimento, revela-nos a existência, pois com ela nos conscientizamos da nossa separação do mundo objetivo e da inquietude que empresta um caráter trágico à existência. Se houvesse um deus da tristeza, ele não poderia deixar de ter asas negras e pesadas para voar não na direção dos céus, mas na do inferno.

Embora o homem seja, em geral, um animal doente, é possível encontrar bastante gente saudável com quem se pode conversar sobre o sentido da saúde na humanidade. O estado mais cômodo, mais confortável e menos comprometedor é o estado de saúde. Ele indica não apenas uma burrice orgânica e definitiva, como também uma superficialidade dos sentidos, uma ausência total de qualquer risco, uma incapacidade de ação heroica. Ser saudável significa andar por este mundo de olhos vendados, não perceber nada dos cumes e dos penhascos da existência. É possível lutar contra todas as pessoas, mas não contra os saudáveis, pois eles são tão insensíveis que não podem realizar em seu âmago nenhuma forma de transfiguração. Considerar alguém saudável é a maneira que tenho para exprimir meu maior desprezo. A saúde bruta, orgânica — ou seja, uma *saúde irremediável* — é tudo o que pode haver de mais detestável numa pessoa. E se a minha saúde for contestada por causa da graça ou do entusiasmo, responderei que a graça e o entusiasmo de qualquer modo precedem a saúde, representando duas modalidades de vida que determinam o tipo de saúde. Elas sublimam de tal maneira o fator orgânico, que, ao admirarmos a graça ou o entusiasmo, não somos sensíveis e não levamos em consideração a saúde, essa expressão do caráter orgânico que não superou sua própria lei, superação essa que sempre encontramos na doença.

ser um pouco menos selvagem. Em vez de tender na direção de uma presença brilhante no mundo, de uma existência solar e cintilante, em vez de viver para ele mesmo — não no sentido de egoísmo, mas de crescimento interior — o homem tornou-se um servo pecador e impotente da realidade exterior. Numa tal forma de vida como essa, onde haveria ainda lugar para êxtases, visões e loucuras? Onde haveria ainda lugar para a suprema loucura, onde haveria ainda lugar para a volúpia autêntica do mal? A volúpia negativa criada pelo encantamento do trabalho possui algo da miséria e da mediocridade humana de cada dia, da mesquinharia detestável e periférica. Por que os homens não se decidem de uma vez por todas a liquidar o trabalho feito até agora e começar outro, no qual não encontremos mais nenhuma semelhança com o tipo de trabalho em que se desperdiçaram? Será que havia necessidade de construir pirâmides, palácios, templos e castelos? Não basta a consciência subjetiva da eternidade, a consciência daquela realização na superconsciência? Se essa atividade frenética, o trabalho ininterrupto e a trepidação exterior destruíram alguma coisa, essa coisa não pode ser outra senão o senso de eternidade. O trabalho é a negação da eternidade. Quanto mais cresce a conquista de bens no plano temporal, quanto mais se intensifica o trabalho exterior, a eternidade se torna um bem cada vez mais inacessível, mais longínquo e mais irrealizável. Daí a perspectiva reduzida de todos os homens ativos e enérgicos, daí a sua mediocridade irremediável de pensamento e de sentimento. Trabalho significa periferia. Apesar de não opor ao trabalho nem a contemplação passiva e nem o devaneio vago, mas a transfiguração intensa para a realização de uma presença, prefiro uma preguiça que tudo entende e justifica, a uma atividade frenética, intolerante e absolutista. A fim de despertar o mundo moderno para a vida, deve-se escrever o elogio da preguiça, daquela preguiça cheia de reconciliação e com um sorriso que aceita tudo. Existe infinitamente muito mais senso metafísico num homem preguiçoso do que num homem

próprio vácuo. Imaginemos a sensação de despencarmos dentro de nós mesmos, no nosso próprio Nada, com o risco de pensar em nós mesmos, caindo em nosso caos interno! A sensação de queda no Vazio exterior, no vácuo do lado de fora, é muito menos complicada do que a sensação desvairada de queda dentro de nós mesmos. Dar-mo-nos conta de nossas infinitas profundezas e ouvir os seus chamados, ecoando num feitiço demoníaco, significa atingir a forma incomum de expansão centrípeta em que o centro do ser se desloca, num jogo indefinido, para o Nada subjetivo. A inquietude da queda exterior não tem a graça do-entia da inquietude, da queda interna. Pois, nesta, adiciona-se a satisfação de morrermos dentro de nós, de encontrarmos a morte em nosso próprio Nada.

A receptividade para a dor tem suas origens não só numa estrutura específica de temperamento, como também no costume, na frequência e na dominação durável da dor. Cada oportunidade de dor é então vivida com exagerada intensidade, projetando-se na consciência até o paroxismo. A multiplicidade da dor é um fenômeno de exaltação íntima em que os limites dos conteúdos anímicos gerados pela dor se dilatam ao infinito, em que não há limites e formas para o progresso da dor. Acostumar-se com a dor não desgasta a sensibilidade nem torna o homem insensível a novas dores, mas cria uma receptividade muito maior e aguçada. Então, a menor depressão se amplia, assume proporções na consciência, se intensifica e oprime com um peso insuportável. Enquanto as alegrias e os êxitos não conseguem superar um efeito momentâneo, as dores se fixam na alma como eternidades de gelo. Todo o conteúdo da personalidade se desenvolve então sob o signo da dor, transformada em realidade e emblema dessa personalidade. Se muito amor aproxima o homem da vida, muita dor o separa. Não é de surpreender o fato de que, no caso de quem só conhece o sofrimento prolongado que tende a exaurir

da existência? Será para nós a existência um exílio e o Nada, uma pátria?

Tenho que lutar contra mim mesmo, explodir contra o meu destino, contra a minha sorte. Com o mais bárbaro elã, lançar ao anonimato do meu ser todos os cadáveres que bloqueiam minha ascensão, todos os obstáculos que adiam a transfiguração. Que nada reste além da minha assombrosa expansão subjetiva e meu infinito desejo de luz e trevas. Que cada um dos meus passos seja triunfo e queda, impulso e fracasso. Que na mais relampejante alternância cresça e morra a vida dentro de mim, que as flores desabrochem e que a podridão da minha alma brilhe no ritmo mais trepidante. Que nada do cálculo mesquinho e da apreciação racional das existências ordinárias dificulte a tensão ilimitada do meu vendaval interno, das minhas dores e dos meus crepúsculos. Com a selvageria impetuosa dos meus recursos inexplorados e com a fé bestial das paixões comprimidas, que eu engula a luz e as trevas para a minha orgia interior, para as volúpias e tormentos do meu caos, para a trágica delícia da desesperança e das minhas alegrias últimas.

Um tal fogo interior me queima e me agitam tormentas tão grandes, que me espanta não explodir de uma vez com este mundo, num estouro apocalíptico. Sinto como o mundo inteiro treme junto comigo, como arrepios abissais me invadem e como uma exaltação de fim de mundo me domina. Quero que o mundo seja atirado ao ar pela sua própria fatalidade, por uma loucura imanente, contínua e profunda, por um demonismo intrínseco e abandonado, que tudo estremeça como se diante do Juízo Final, que giremos, alucinados, diante da agonia definitiva, da agonia última do universo. Que nada mais encontre razão em si próprio, que tudo se transforme, de súbito, em Nada. E que sorvamos o Nada, presos no turbilhão demoníaco dos instantes derradeiros.

É um sinal de imbecilidade, e não de resistência, sobreviver a tensões orgânicas excessivas e a estados anímicos limite. Que sentido ainda tem viver depois de tais tensões, que sentido ainda

absoluto. Por isso, nenhum homem, por não ser apenas animal, encontra satisfação no fato de viver. Para o animal, a vida é tudo; para o homem, é um ponto de interrogação. E esse ponto de interrogação é também um ponto final, pois o homem até agora não recebeu e jamais receberá resposta a suas perguntas, porquanto a vida não só não tem sentido, como nem pode ter.

O PRINCÍPIO SATÂNICO NO SOFRIMENTO

Se existem homens felizes na face da terra, por que não ouço seus berros, por que eles não tomam as ruas de assalto para gritar de alegria em uivos loucos e incessantes? Por que tanta discricção, tanta reserva? Se eu tivesse consciência de uma alegria contínua, de uma disposição interna exaltada tendente ao prazer, se eu sentisse uma inclinação irresistível para a serenidade, eu não poderia viver esses momentos só para mim, mas os dividiria com todos num elã ilimitado, eu me dispersaria de alegria à vista de todos, consumiria toda a minha energia para comunicar meu estado de felicidade, minha encantadora e desbordante pleto. Não me arrependeria se, após tal dispersão, a voz se tornasse rouca, os olhos nada mais vissem e as pernas titubeassem, não me arrependeria se as funções e as possibilidades dos órgãos se exaurissem e meu fogo interior diminuísse.

Se existe felicidade no mundo, ela tem de ser comunicada. Não terão os homens verdadeiramente felizes *consciência* de sua felicidade? Poderíamos emprestar-lhes um pouco de consciência em troca de um pouco de sua infinita *inconsciência*. Por que só a dor tem lágrimas e gritos, e o prazer só arrepios? Se no prazer o homem tivesse tanta consciência como tem na dor, os prazeres poderiam compensar as dores, gerando uma distribuição incomparavelmente mais equitativa.

As dores não se esquecem, por estarem desmesuradamente ligadas à consciência. Por isso, as pessoas que têm muito a esque-

às quais chegamos pela escadaria da dor não são menos infinitas e eternas que a luz que nos ofusca nas escadas da alegria.

O sofrimento é um caminho de separação, de dissociação, é uma força centrífuga que nos afasta do âmago da vida, do centro de atração do mundo, de lá onde tudo tende a se unir em amor e intimidade. Se o princípio divino se caracteriza por um esforço de síntese cósmica e de participação metafísica na essência do Tudo, então o sofrimento é o antípoda desse princípio. O princípio satânico, como princípio de deslocamento, de dualização e dramatização, atravessa todo o âmago da dor numa imanência orgânica e essencial.

Em todas as formas de alegria, participamos ingênuos do ritmo da vida, entramos inconsciente e experimentalmente em contato com o dinamismo concreto do ser e acabamos nos sentindo ligados, com todas as nossas fibras, às pulsações irracionais do mundo. Isso acontece não só na alegria espiritual, como também na diversidade das formas de prazer orgânico, nas múltiplas volúpias dos sentidos.

Separar-se do mundo por causa do sofrimento gera uma interiorização excessiva, um desenvolvimento paradoxal do grau de consciência, enquanto todo o mundo, com seus esplendores e escuridões, fixa-se diante do homem numa posição de exterioridade e transcendência. Como ainda podemos nos esquecer de alguma coisa, quando nos encontramos de tal maneira separados do mundo, quando o vemos eternamente diante de nós e nos sentimos irremediavelmente sozinhos diante dele? Só sentimos necessidade de esquecer as coisas e as experiências que nos fizeram sofrer. Ora, um dos paradoxos bestiais deste mundo é o de apagar a lembrança daqueles que não querem esquecer e o de fixar reminiscências na memória daqueles que desejam tudo esquecer.

Os homens, em geral, se dividem em duas categorias: aqueles

foi, contudo, para mim, uma ocasião de eternos encantamentos e tristezas. Houve momentos em que a beleza de uma flor justificou diante da minha compreensão a existência de uma finalidade universal, assim como uma mancha na pureza de um céu azul foi capaz de atíçar minha verve pessimista. Quem se interioriza desmesuradamente acaba descobrindo uma revelação simbólica no mais insignificante aspecto da natureza.

Será que carrego comigo tudo o que vi durante a vida? Assusta-me imaginar que todas as paisagens, livros, mulheres, vulgaridades e visões sublimes tenham se condensado no meu cérebro e que uma parte do passado da humanidade tenha se atualizado numa pobre consciência. Esses pensamentos, visões, aspectos e objetos não parecem ter se sutilizado na trama de uma substância nervosa, não parecem ter se diluído num ambiente de inexplicável fineza, mas tenho a impressão de que tenham se transposto em mim como *realidades*, que uma parte da existência oprime o meu Infinito íntimo. Talvez por isso eu me sinta por vezes tão pesado, tão oprimido e esmagado, desejoso por esquecer todas as ocasiões oferecidas pela vida. A interiorização leva à queda, pois é por seu intermédio que de certo modo o mundo *entra* dentro de nós, oprimindo-nos para além de qualquer resistência. Ainda seria de se espantar com a razão por que muita gente se utiliza do esporte, da vulgaridade, da arte e da sexualidade apenas para esquecer?

— Por que as mulheres não escrevem? Por que elas podem chorar quando querem.

— Quantos milhares de células nervosas me custa cada pensamento? Eis a primeira questão que deve fazer um pensador existencial e orgânico, um pensador vivo.

[HOMO...]

O homem deveria ou cessar de existir, ou se tornar um animal racional. Melhor seria que se tornasse uma criatura absurda que a cada momento tudo arrisca, tomado por fantasias perigosas e exaltações infinitas, capaz de morrer por tudo o que o mundo oferece e por tudo o que ele não oferece. Cessar de ser homem deveria ser o ideal de cada homem. E isso só é possível por meio do triunfo do *arbitrário absoluto*.

[RESUMO DO AMOR]

O amor pela humanidade que brota do sofrimento se parece com a sabedoria que nasce da infelicidade. Em ambos os casos, as raízes são podres e a fonte, infectada. Só o amor natural e espontâneo pela humanidade, resultado de uma devoção franca e de um elã irresistível, pode fecundar também as almas dos outros e comunicar uma intimidade calorosa e serena. Aquele que é gerado pelo sofrimento esconde tantas lágrimas e suspiros que dispersa raios de amargo brilho, em que pontos negros mancham a pureza do amor. É necessária demasiada renúncia, demasiado suplício e demasiada inquietude para que esse amor deixe de ser uma indulgência infinita. Perdoamos tudo, admitimos tudo, justificamos tudo. Mas e o amor? Como ainda amar, se não estamos mais ligados a nada? O amor pela humanidade por sofrimento é o vácuo da alma humana entre Tudo e Nada, assim como, numa alma de amores fracassados, só o dom-juanismo ainda tem sentido. No Cristianismo não existe amor, mas apenas indulgência. Se houvessem retirado da cruz antes de entrar definitivamente no Nada aquele que se considerou o redentor do universo, ele não teria tido nem mesmo essa indulgência, que é mais uma alusão ao amor do que amor.

Amor por sofrimento? Ele pode ser ilimitadamente grande, mas as flores desse amor não se enraízam menos em veneno.

seus contornos justos. Não se trata de atingirmos a felicidade, mas um grau menor de infelicidade. O homem que se encontra mais próximo da felicidade do que da infelicidade precisa do concurso permanente dessa lucidez, que corrige os exageros ou as antecipações da sensibilidade, pois ele não se analisou até o ponto em que o espírito pudesse se cristalizar autônomo, independente da vida. No caso dos infelizes, uma correção posterior é sempre necessária para não se ensombrecer — não na desesperança, mas na imbecilidade.

É um sinal de grande resistência permanecer na desesperança, assim como é um sinal de profunda fraqueza chegar à imbecilidade devido a prolongadas infelicidades. Deve-se ter uma verdadeira educação, e um esforço interior persistente para atingir um grau mais reduzido de infelicidade. Toda educação e todo esforço para atingir a felicidade são de início estéreis. Não importa o que façamos, não podemos nos tornar felizes após termos enveredado pelo caminho da infelicidade. Pode-se passar da felicidade para a infelicidade; o caminho contrário é impossível. Isso significa que a felicidade pode reservar surpresas mais dolorosas que a infelicidade. Na felicidade, sentimos que este mundo deve ser assim como é; na infelicidade, que ele deve ser de qualquer outro jeito, mas não como é. Embora percebamos a origem subjetiva da infelicidade, fatalmente convertemos o defeito pessoal em defeito de constituição metafísica.

A infelicidade jamais poderá se tornar suficientemente generosa a ponto de reconhecer de maneira absoluta suas próprias trevas para enxergar as eventuais luzes do mundo. Ao tomarmos a miséria subjetiva pela miséria objetiva do mundo, acreditamos aliviarmo-nos de um fardo, dispensando assim as repreensões que deveríamos fazer a nós mesmos. Na verdade, essa universalização acentua nossa infelicidade e, ao apresentá-la como fatalidade cósmica, impede qualquer possibilidade de diminuí-la ou de torná-la mais suportável.

A disciplina da infelicidade reduz as inquietudes e as surpre-

absoluto materializado em expressões limitadas, é possível no espírito de quem se deixar dominar pela emoção estética, no momento da visão do belo, constituindo porém uma *contradictio in adjecto*¹⁰ de uma outra perspectiva que não a do belo. Por isso existe tanta ilusão em qualquer ideal de beleza, a tal ponto que sua extensão é indeterminável. Mais grave é o fato de que a premissa fundamental de todo ideal de beleza, com base no qual o mundo deve ser tal como é, não resiste à análise mais elementar. O mundo deveria ser de qualquer modo, mas não como é.

[INCONSISTÊNCIA HUMANA]

Por que a humanidade deseja realizar a todo custo alguma coisa? Não seria incomparavelmente melhor estar suspenso debaixo do sol, numa suave tranquilidade e num admirável silêncio? O que é que se deve realizar, por que tanto empenho e tanta ambição? O homem perdeu o sentido dos grandes silêncios, das grandes tranquilidades que embriagam o ser com aromas de eternidade. Embora a *consciência* seja fruto de uma fraqueza vital, ela não constitui em cada homem um elemento de inadaptabilidade, mas desenvolve em certas pessoas uma exasperação dos impulsos vitais, uma exageração do imperialismo vital. Não podendo mais viver no presente, a consciência nos faz reunir mais do que o suficiente para a vida, amontoa um material que nos oprime e subjuga. Assim, a sensação de futuro se tornou uma calamidade para o homem. O processo pelo qual a consciência separou a humanidade em duas grandes categorias é um dos mais estranhos; ele explica por que o homem é uma criatura tão pouco consistente, incapaz de fixar um centro de energia e equilíbrio. Tanto aqueles levados à interiorização, ao suplício e à tragédia por causa de sua consciência, quanto aqueles por

¹⁰ Contradição em si. Em latim no original.

vício, expressão de um caráter trágico carnal e de perturbação passional, que se alimenta da presença do espírito na carne. Em todo vício está presente uma tragédia da carne, um salto da carne a partir de sua fatalidade, uma tentativa de esmigalhar os limites imanentes que encarceram os elãs passionais. Um tédio orgânico se ergue até a desesperança dos nervos e da carne, da qual não há salvação a não ser tentando outras formas possíveis de volúpia. A atração de todas as outras formas além das normais goteja nas sensações do vício uma inquietude perturbadora, diversa em conseqüências e complexa em agitações. No vício, o espírito parece ter se tornado sangue, agitando-se como uma força imanente na carne. A exploração na ordem do possível só pode ser feita com o concurso do espírito, sem a intervenção da consciência. O vício representa uma forma de triunfo do individual. Como poderia a carne representar o individual, sem uma intervenção externa? Essa mistura de espírito e carne, de consciência e sangue, cria uma efervescência extremamente fecunda para quem foi agarrado pelas seduções do vício. Nada é mais repulsivo do que o vício aprendido, emprestado e afetado. Por isso, o elogio do vício é completamente injustificado; pode-se no máximo constatar a sua fecundidade, para quem sabe transfigurá-lo, para quem sabe fazer esse desvio desviar. Vivê-lo brutal, criminoso e vulgarmente significa explorar só a sua materialidade escandalosa e negligenciar o arrepio imaterial que faz de todo vício uma excelência. Para atingir determinadas alturas, a vida íntima não pode dispensar as inquietudes do vício. Nenhum viciado pode ser condenado a não ser no momento em que, em vez de considerar o vício um pretexto, ele o transforma em finalidade.

O amor, quanto mais intenso e concentrado, mais se limita em extensão, mais exige um caráter individual e único. Assim acontece que as grandes paixões descobrem o absoluto numa mu-

ram a vida interior aos seus últimos limites, que se desesperaram pelo sentido da vida e que se torturam nos cumes, tornam-se fatalmente um Dom Juan, assim como seus antípodas, homens estreitos, desprovidos de vida interior, com capacidades extremamente reduzidas de sentir e compreender. A vida apresenta essa estranha dualidade de reunir na realização exterior dois tipos opostos de pessoas: os deficientes e os demasiados. É necessário um sentido psicológico para perceber se alguém chegou a essa respectiva forma de vida por demasia ou por debilidade. Um pode ser viciado e imoral por deficiência, outro por excesso; um pode chegar ao desespero por incapacidade, por falta de resistência e inteligência, outro por excesso de problemática e interioridade.

As pessoas se equivocam ao situar no mesmo plano de vida anímica todos os homens que se parecem, por fora e na aparência, em suas realizações. O dom-juanismo é interessante e sintomático apenas naqueles em que ele surge como fruto do desespero, de uma reflexividade e de preocupações íntimas demasiado intensas. Nos cumes do desespero, quem não é dom-juan não assimilou organicamente o desespero, não viveu intensamente os estados limítrofes, os ardores e os consumos supremos, mas experimentou-os artificialmente, como num vago pressentimento. Ser um homem de grandes solidões significa amar todas as mulheres. E amar todas as mulheres significa não amar nenhuma. Os que fazem a filosofia da vida não passam de diletantes do Eros, que depositaram demasiada paixão *nos problemas da vida* para ainda terem alguma paixão pelos seus *aspectos*. Nos cumes do desespero, a superficialidade no amor é uma superficialidade profunda.

Experimentei, em grande silêncio e em grande solidão, no meio da natureza, longe da humanidade e perto de mim, uma sensação de interminável tumulto, em que o mundo, como uma torrente irresistível, me atropelou, me atravessou como um fluido

estou à procura de Deus. Mas no Infinito não há pousada. De maneira que jamais o encontrarei.

[CAPITULAÇÃO]

Qual o processo por meio do qual alguém se torna pessimista? Uma grande frequência de depressões num homem que, por ser provido de tanto elã, vive cada momento. Uma fatalidade orgânica provoca depressões descontínuas, sem elementos determinantes e excitantes exteriores, devido apenas a uma profunda perturbação interna; essas depressões sufocam as pulsações do elã, atacam permanentemente as raízes da vida e destroem a alegria ingênua e instintiva de viver. Afirmam-se equivocadamente que alguém se torna pessimista em razão de uma debilidade orgânica. Na verdade, ninguém se tornaria pessimista se não houvesse tido anteriormente tanto elã a ponto de ter desejado a vida com um ardor apaixonado, mesmo se esse ardor não tenha entrado em sua consciência. O processo de desvitalização ocorre como consequência das depressões. Toda debilidade no pessimismo é resultado de depressões. Só num homem com elã, cheio de paixões e aspirações, as depressões têm aquela capacidade de erosão que consome a vida, assim como as ondas do mar fazem com a terra firme. Num simples deficiente, as depressões não geram nenhuma tensão, nenhum paroxismo e nenhum excesso, mas um estado de indiferença e apatia, de extinção lenta e de tranquila monotonia, do qual não resultam as reações pessoais e dolorosas, tão características do pessimismo. Ser pessimista significa apresentar um paradoxo orgânico que faz nascer contradições intransponíveis e fatais, que explica a tão profunda efervescência dos pessimistas. E como não haver um paradoxo orgânico nessa aliança de frequentes depressões com um menos frequente elã? Que no final das contas as depressões consumem o elã e comprometem a vitalidade é mais

a vida não foi feita para mim? É provável que, em outras formas de vida, formas completamente diferentes destas a que estou condenado a viver, eu possa ser feliz e entusiasmado, dominado por volúpias que os outros nem desconfiem. Por que me sacrificar em pensamento, por que, na ordem do concebível, não admitir que eu poderia me adequar a outra forma de vida, a outra estrutura de existência? Por que não culpar a vida em vez de a mim mesmo? Seria necessário a este mundo menos do caráter irreparável e mais absurdo para que ele pudesse se modificar. O absurdo de até agora supera pouco demais a superficialidade para me permitir a mínima ilusão. Poderia acreditar neste mundo no momento em que ele mudasse para mim. Sou orgulhoso demais para ver o mal do mundo no mal do meu interior. Eu, contudo, jamais vou mudar para me adequar ao mundo.

O caráter irracional da vida se apresenta num duplo aspecto: o irracional como dinamismo cego que recusa toda hierarquia de valores e o irracional como realidade em cuja assimilação vivemos ingênuos, satisfeitos e equilibrados. Essa dupla acepção do irracional explica por que podemos dizer que a vida não tem sentido, ela sendo irracional em essência, como também por que apoiamos a possibilidade de salvação só por meio da experiência ingênua do irracional. A proximidade inconsciente da essência irracional da vida nos mantém num estado de equilíbrio orgânico, pois as nossas formas de atividade e manifestação são as formas da vida. Tudo o que fazemos brota da essência da vida, de uma obscura produtividade vital. A experiência ingênua do irracional nos situa na imanência substancial da vida. Por isso, a ingenuidade é uma expressão direta do irracional. Na ingenuidade, a individuação não representa um princípio de tragicidade, pois na ingenuidade o indivíduo não se encontra separado do mundo, mas assimilado organicamente ao fluxo irracional da existência. Os meandros desse fluxo podem ser

e a complicação dos problemas tem de nos haver enauseado tanto, que nada mais passa a nos interessar além do silêncio e seus gritos, gritos de silêncio que não passam de cascatas íntimas cujo rumor objetivamos no mundo exterior.

Repetidas exaustões nos levam à apreciação ilimitada do silêncio, pois no cansaço todas as palavras perdem o significado e batem no ouvido como martelos mecânicos, desmancham-se em sonoridades vazias, em vibrações irritantes e em sons exasperantes. Todos os conceitos se diluem, todas as expressões fortes se atenuam, tudo o que falamos ou escutamos se desveste numa nudez infértil e repulsiva. Nada mais em nós assume uma forma ou uma consistência expressiva, mas tudo o que parte para fora e tudo o que vem de fora permanece como um murmúrio distante, monótono e uniforme, incapaz de excitar as nuances da vida anímica, de despertar interesse ou curiosidade. Parece-nos então inútil opinar, tomar uma atitude ou impressionar alguém, e todos os barulhos aos quais renunciamos por meio do silêncio crescem na agitação da alma, presente em todos os grandes silêncios. [Após termos nos agitado como loucos para resolver todos os problemas, após termos nos torturado ao máximo, quando deveríamos dar as respostas supremas, acabamos por encontrar no silêncio a única realidade e a única forma de expressão — e quem não acaba em silêncio quer dizer que não viu tudo.]

[A ARTE DO DESDOBRAMENTO]

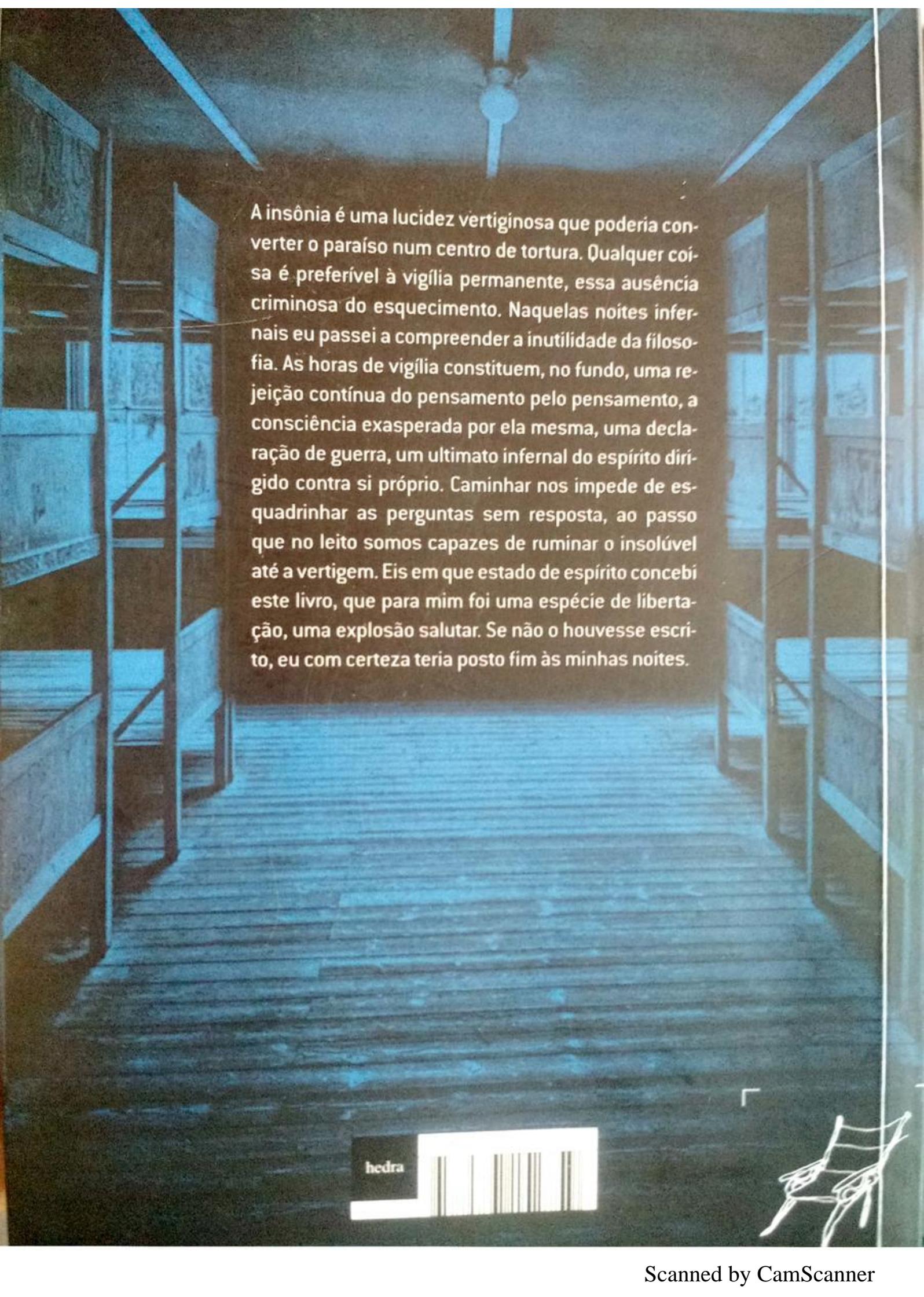
A arte de ser psicólogo não se aprende, mas se vive e se experimenta, pois não existe um complexo de cânones que nos dê a chave dos mistérios psíquicos, das estruturas diferenciais da vida anímica. Não somos um bom psicólogo se não formos nós mesmos um objeto de estudo, se o nosso material psíquico não oferecer a cada dia uma complexidade e um ineditismo que excite nossa curiosidade contínua. Não podemos nos iniciar no mistério de outrem, se nós mesmos não tivermos um mistério

saber menos. Quem não sofre por causa do conhecimento, nada terá conhecido.

[O NONSENSE DO DEVIR]

Na tranquilidade da contemplação, fixados e suspensos de baixo da eternidade, escutando o tique-taque do relógio ou qualquer outro ritmo que signifique o progresso no tempo, é impossível não sentirmos todo o absurdo da marcha do tempo, do avanço, de todo o *nonsense* da evolução e de qualquer tipo de progressão. Por que avançarmos, por que continuarmos vivendo no tempo? A revelação súbita do tempo em tais contemplações, que dão a ele uma proeminência viva e esmagadora, que ele jamais revela na existência cotidiana, é o resultado de um desgosto pela vida, de uma incapacidade de continuar com a mesma história. Quando essa revelação ocorre no meio da madrugada, o absurdo da progressão do tempo aumenta com a sensação de uma indescritível solidão, pois então, longe das pessoas e do mundo, ficamos a sós diante do tempo, numa dualidade irreduzível. O tempo, nessa sensação de abandono noturno, não está mais recheado com nada, com nenhuma ação ou objeto, parecendo-se com um vácuo que cresce progressivamente na existência, um vácuo em contínua dilatação e evolução, como uma ameaça vinda do além. Não podemos mais escutar na tranquilidade e no silêncio da contemplação nada além do ritmo do tempo dentro de nós, o som e a batida repetitiva como um badalo de sino de um universo defunto. O drama do homem e do tempo só vive quem separou o tempo da existência e que, nessa dissociação, fugindo da existência, encontra-se oprimido pelo tempo. Ele sente, dentro de si, o avanço do tempo como o avanço da morte.

A única coisa que pode salvar o homem é o amor. Chorarmos ao pensarmos na humanidade, amarmos tudo, num sentimento de suprema responsabilidade, sermos invadidos por uma melancolia envolvente ao pensarmos nas lágrimas que ainda não



A insônia é uma lucidez vertiginosa que poderia converter o paraíso num centro de tortura. Qualquer coisa é preferível à vigília permanente, essa ausência criminosa do esquecimento. Naquelas noites infernais eu passei a compreender a inutilidade da filosofia. As horas de vigília constituem, no fundo, uma rejeição contínua do pensamento pelo pensamento, a consciência exasperada por ela mesma, uma declaração de guerra, um ultimato infernal do espírito dirigido contra si próprio. Caminhar nos impede de esquadrihar as perguntas sem resposta, ao passo que no leito somos capazes de ruminar o insolúvel até a vertigem. Eis em que estado de espírito concebi este livro, que para mim foi uma espécie de libertação, uma explosão salutar. Se não o houvesse escrito, eu com certeza teria posto fim às minhas noites.

hedra

